



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

EDSON MARQUES ALMEIDA MONTEIRO

**RESISTIR É PRECISO:
os referenciais de memória e identidade cultural da Comunidade
Quilombola Rufinos no Instagram**

**JOÃO PESSOA-PB
2023**

EDSON MARQUES ALMEIDA MONTEIRO

**RESISTIR É PRECISO:
os referenciais de memória e identidade cultural da Comunidade
Quilombola Rufinos no Instagram**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade

Linha de Pesquisa: Memória, Mediação e Apropriação da informação.

Orientador(a): Profa. Dra. Izabel França de Lima

**JOÃO PESSOA-PB
2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M775r Monteiro, Edson Marques Almeida.

Resistir é preciso : os referenciais de memória e identidade cultural da Comunidade Quilombola Rufinos no Instagram / Edson Marques Almeida Monteiro. - João Pessoa, 2023.

83 f. : il.

Orientação: Izabel França de Lima.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da informação. 2. Preservação da memória.
3. Identidade cultural. 4. Tradições. 5. Comunidade quilombola Rufinos. 6. Instagram. I. Lima, Izabel França de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 02(043)

EDSON MARQUES ALMEIDA MONTEIRO

**RESISTIR É PRECISO:
os referenciais de memória e identidade cultural da Comunidade
Quilombola Rufinos no Instagram**

Aprovada em: 28/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Izabel França de Lima (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB)

Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
(Membro Titular interno)
Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB)

Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento
(Membro Titular externo)
Universidade Federal da Paraíba (PPGAES/UFPB)

Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino
(Membro Suplente interno)
Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB)

Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula
(Membro Suplente externo)
Universidade Federal da Paraíba (DCI/UFPB)

Aos amores da minha vida, minha
esposa Giulianne e meus filhos Giullia
Maria e Francisco Eduardo, **DEDICO!**

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde, força e sabedoria a mim concedida. Por SEMPRE ser “Lâmpada para meus pés e luz para o meu caminho.” (Sl 119:105)

A minha mãe celestial, virgem Maria, por proteger a mim e minha família com seu manto de amor.

A minha esposa Giulianne Monteiro P. Marques, companheira, amiga, incentivadora, inspiração, minha VIDA (faltam predicativos para te qualificar) por me devolver a vontade de estudar, por todo apoio, incentivo e por não me deixar desistir.

Aos meus filhos Giullia Maria (minha vidinha) e Francisco Eduardo (meu “gatu”), pois suas existências me dão forças e motivação para seguir em frente.

A minha mãe Luzia Marques (mainha) pela bravura que sempre teve para educar e criar seus filhos.

As minhas tias-mães Lúcia de Fátima (Tia Lulu), Maria Aparecida (Tia Cida), Andréa Cláudia (Tia Cacau) e Tia Ana Hilda (Tia Ana) por todo carinho e incentivo aos estudos.

A minha irmã Nely Marques por compreender meus momentos de ausência em família para poder me dedicar aos estudos e por cuidar de forma tão zelosa da nossa mãe.

A minha cunhada Gisele Monteiro por todo apoio, momentos necessários de conversas aleatórias e por cuidar da nossa “vidinha” para que pudéssemos avançar nas pesquisas.

A minha Orientadora, a professora Doutora Izabel França de Lima pelo desafio aceito de me orientar (risos), pela paciência, confiança e por sua brilhante forma de conduzir o desenvolvimento desta pesquisa.

As Professoras que compõem a Banca examinadora, as professoras doutoras Izabel França de Lima, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento por terem aceitado o convite e pelas relevantes contribuições que deram para o desenvolvimento deste trabalho.

Não poderia deixar de registrar novamente o agradecimento a Professora Doutora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira por todos os ensinamentos dentro e fora de sala de aula e por todo carinho e atenção com que trata seus aluno/as.

As Professoras Doutoras Gisele Rocha Cortês e GracyKelli Martins por suas aulas terapêuticas, enriquecedoras e liberadoras da Disciplina Interfaces da Mediação da informação(...).

Ao Professor Doutor Júlio Afonso de Sá Pinho Neto por ter despertado em mim por meio da Disciplina Tecnologia da Informação, o interesse de retomar os estudos dos povos e comunidades tradicionais.

A todos os professores e secretárias do Programa de Pós-Graduação em Ciência da informação da UFPB pela enorme contribuição nessa jornada que tem sido o Mestrado.

Aos colegas de jornada Ana Lúcia Leite Santos, Karina Ceci de Sousa Holmes, Felipe Arthur Cordeiro Alves pelo companheirismo e simples gestos e demonstrações de coleguismo, carinho e atenção.

A todas essas pessoas, meu **MUITO OBRIGADO!**

“O povo que não conhece sua história e seu passado não terá a chance de construir um futuro melhor.”
(Luiz Inácio **Lula** da Silva, 2017).

RESUMO

A dissertação em questão busca examinar a maneira pela qual a Comunidade Quilombola Rufinos, localizada no município de Pombal-PB, mantém e transmite seu saber tradicional, identidade e cultura construída ao longo das gerações, especialmente no ambiente do Instagram. Caracteriza-se como exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa e foi feita uma revisão bibliográfica abrangendo livros, artigos de revistas, dissertações, teses, documentos oficiais e relatórios técnicos, para entender a conexão entre informação, memória e identidade cultural, bem como a influência das Tecnologias de Informação e Comunicação na visibilidade e conservação da identidade de comunidades tradicionais. Conceitua e caracteriza os povos e comunidades tradicionais do Brasil, dando ênfase às Comunidades Quilombolas da Paraíba, especificamente a Comunidade Quilombola Rufinos localizada na cidade de Pombal-PB. Conduziu-se um estudo empírico para mapear os perfis das Comunidades Quilombolas da Paraíba no Instagram e foram identificados os Povos e Comunidades Tradicionais do estado e categorizados os elementos de memória e identidade da Comunidade Quilombola Rufinos, incluindo tradições, religiosidade, celebrações, personalidades e outras práticas relevantes. Como resultados verificou-se que as postagens do perfil do Instagram se configuram como uma forma das pessoas conhecerem um pouco mais sobre a identidade e cultura da Comunidade Quilombola Rufinos, se tornando uma excelente ferramenta de visibilidade social. Observou-se as contribuições que os saberes e fazeres tradicionais têm para a Comunidades, seja na sobrevivência e resistência de suas raízes, seja na sobrevivência financeira. Percebe-se por meio das postagens que o resgate de antigas tradições do quilombo além de ser uma forma de reacender o interesse das novas gerações, tornou-se uma fonte de renda. Identificou-se que as postagens realizadas no perfil @quilomborufinospombal tem o intuito maior de dar visibilidade às ações e manifestações culturais que constituem e fortalecem a ancestralidade do quilombo. E muito pouco no intuito de informar a respeito dessas práticas no contexto da comunidade, da história de determinada tradição, etc. Mas que mesmo assim informa mesmo que pouco sobre aquelas tradições, costumes, etc. Recomenda-se postagens com mais conteúdo com intuito informativo sobre os costumes, gastronomia, práticas ancestrais e tradições.

Palavras-chave: Preservação da Memória; Identidade cultural; tradições; Comunidade Quilombola Rufinos; instagram.

ABSTRACT

The dissertation in question seeks to examine the way in which the Rufinos Quilombola Community, located in the municipality of Pombal-PB, maintains and transmits its traditional knowledge, identity and culture built up over generations, especially in the Instagram environment. It is characterized as exploratory and descriptive, with a qualitative approach and a bibliographic review was carried out covering books, magazine articles, dissertations, theses, official documents and technical reports, to understand the connection between information, memory and cultural identity, as well as the influence of Information and Communication Technologies on the visibility and conservation of the identity of traditional communities. It conceptualizes and characterizes traditional peoples and communities in Brazil, with an emphasis on the Quilombola Communities of Paraíba, specifically the Rufinos Quilombola Community located in the city of Pombal-PB. An empirical study was conducted to map the profiles of the Quilombola Communities of Paraíba on Instagram. The state's Traditional Peoples and Communities were identified and the elements of memory and identity of the Rufinos Quilombola Community were categorized, including traditions, religiosity, celebrations, personalities and other relevant practices. The results showed that Instagram profile posts are a way for people to learn more about the identity and culture of the Rufinos Quilombola Community, making it an excellent tool for social visibility. The contributions that traditional knowledge and practices make to the communities have been observed, both in terms of the survival and resistance of their roots and in terms of financial survival. It can be seen from the posts that the revival of old quilombo traditions is not only a way of rekindling the interest of new generations, but has also become a source of income. The posts made on the @quilomborufinospombal profile are mainly intended to give visibility to the actions and cultural manifestations that constitute and strengthen the quilombo's ancestry. And very little of it is intended to inform about these practices in the context of the community, the history of a particular tradition, etc. But even so, it provides little information about those traditions, customs, etc. We recommend posts with more informative content about customs, gastronomy, ancestral practices and traditions.

Keywords: Cultural identity; traditions; Rufinos Quilombola Community; Instagram.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Gráfico com total de Comunidades Quilombolas Certificadas no Brasil	43
Figura 2	Mapa das Comunidades Quilombolas na Paraíba	47
Figura 3	Certidão de autodefinição expedida pela FCP	48
Figura 4	Prints da tela inicial do perfil @quilomborufinospombal	56
Figura 5	Registros de reuniões da Associação Quilombola Rufinos	57
Figura 6	Postagens sobre oficinas de penteados Afro e Pifano	59
Figura 7	Postagens de divulgação da Ciranda de roda	60
Figura 8	Postagens sobre a Capoeira no Quilombo Rufinos	61
Figura 9	Postagens sobre o grupo “Os pontões”	63
Figura 10	Postagem do Título de Patrimônio cultural e imaterial da Paraíba	63
Figura 11	Postagens sobre o artesanato de barro	64
Figura 12	Postagem sobre o Box cedido pela Prefeitura de Pombal-PB	65
Figura 13	Postagens sobre religiosidade.....	67
Figura 14	Postagens de celebrações à datas comemorativas.....	69
Figura 15	Postagens sobre o Pedal Cultural.....	70
Figura 16	Postagens sobre Quilombolas Rufinos.....	71
Figura 17	Postagem sobre produtos naturais/medicinais fabricados pelo Quilombo Rufinos.....	72
Quadro 1	Mapeamento das Comunidades Quilombolas da PB.....	44

SUMÁRIO

1	TRILHAS INICIAIS.....	11
2	ENCRUZILHADA METODOLÓGICA.....	19
2.1	Instagram: Território de memória(s) e identidade(s)	22
3	REFINAMENTO TEÓRICO	25
3.1	Informação, Memória e Identidade Cultural	25
3.2	Elementos Sociotransmissores de Memória e Identidade Cultural	29
3.3	Os povos e comunidades tradicionais do Brasil	33
3.3.1	Comunidades Quilombolas da Paraíba	35
3.3.2	Comunidade Quilombola Rufinos “Os Rufino”	39
4	“SOMOS A RESISTÊNCIA” - MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO INSTAGRAM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RUFINOS	52
4.1	Tradições	58
4.2	Religiosidade	66
4.3	Celebrações	68
4.4	Personalidades	70
4.5	Medicina natural	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	78

1 TRILHAS INICIAIS

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) trouxeram grandes transformações para a Sociedade, parte delas apresentam-se de forma significativa no desenvolvimento de vários setores, seja da economia, cultural, informacional e educacional.

Uma área que é e foi bastante privilegiada, é a da Comunicação e Informação, nesse aspecto, o aceleração da evolução constante dessas tecnologias fez e faz com que as informações sejam produzidas, compartilhadas e acessadas de forma mais ampla, veloz e prática. Além da facilidade de disponibilização e acesso de informações, as tecnologias passam a auxiliar também no registro e preservação dessas informações.

No entanto, é sabido que tamanho desenvolvimento tecnológico não chegou, foi ou é oportunizado a todos com as mesmas condições. Se um lado as Tecnologias chegam para facilitar o acesso à educação e à informação, de outro podemos presenciar a existência de grupos que ainda não possuem as mesmas condições para tal acesso e usufruto dessas ferramentas, não podendo considerar que esses sejam ou estejam digitalmente incluídos.

Faz-se lembrar que as características citadas acima, de desenvolvimento econômico, educacional, informacional, cultural por meio das TICs são as características do que conhecemos como Sociedade da Informação.

Takahashi (2000) esclarece que essa representa significativas transformações na estrutura da sociedade, sendo conceituada como um “novo paradigma técnico-econômico”.

Nesse contexto, é importante ressaltar ainda que uma Sociedade é composta por vários povos, grupos, religiões, culturas e identidades, marcados e caracterizados por suas diferenças, essa diversidade enriquece e fortalece a identidade cultural de uma nação. Portanto, é de suma importância o registro, tratamento e disseminação de informações relacionadas a todos esses grupos, culturas, entre outros. Isso não apenas contribui para o conhecimento e a preservação de nossa história e cultura,

mas também desempenha um papel crucial na construção e manutenção de nossa identidade cultural e nacional.

Afinal, como saberíamos, de onde continuar? Ou até mesmo, de onde viemos? Por que somos da forma que somos? Por que temos o costume de comer ou beber algo? Por que temos o costume de pedir a benção aos nossos avós, pais...? Questões como essas e diversas outras são respondidas por meio de relatos históricos e informações documentadas, cujos registros, podem ser transmitidos ao longo de gerações, auxiliando na compreensão de nossa identidade e origens.

Dentre esses grupos mencionados acima, aborda-se aqui os povos e comunidades tradicionais, onde de acordo com o Art. 3º do Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), define esses povos e comunidades como,

I - [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição; (Brasil, 2007).

Ainda no âmbito do Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, tem entre seus princípios o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural, bem como sua visibilidade, a preservação dos direitos culturais, o exercício de práticas comunitárias, a memória cultural e a identidade racial e étnica.

São exemplos de povos e comunidades tradicionais, os povos indígenas (também chamados de Povos Originários), os ribeirinhos, povos de terreiros, pescadores, caiçaras e Quilombolas. Nesta pesquisa, o foco recai especificamente sobre as comunidades quilombolas.

As comunidades Quilombolas ou “remanescentes de quilombos” são caracterizados por Marques (2009, p. 346) como,

[...] grupos sociais que se mobilizam ou são mobilizados por organizações sociais, políticas, religiosas, sindicais etc., em torno do auto-reconhecimento como um outro específico. Por conseguinte, ocorrem buscas pela manutenção ou reconquista da posse definitiva de sua territorialidade.

As comunidades quilombolas trazem consigo uma bagagem histórica da resistência dos africanos escravizados que buscaram sua liberdade fugindo para regiões remotas e inóspitas, se estabelecendo nessas terras, criando laços profundos com a natureza e desenvolvendo suas tradições culturais.

Essas comunidades enfrentam desafios significativos relacionados à invisibilidade, bem como questões relacionadas à posse de terras, acesso a serviços básicos e preservação de suas tradições. No Brasil, a Fundação Palmares (FCP), órgão vinculado ao Ministério da Cultura é responsável pela identificação, registro e certificação das Comunidades Quilombolas e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do título terras relacionadas a estas comunidades.

No estado da Paraíba são 47 comunidades quilombolas certificadas pela FCP e espalhadas entre os municípios, cada uma delas exercem um papel importante e relevante para a cultura paraibana, dentre essas comunidades pode-se destacar Os Rufinos do Sítio São João na cidade de Pombal, por sua relação com a religiosidade na devoção de Nossa Senhora do Rosário, pela luta da propriedade, da defesa da sua identidade cultural e as estratégias utilizadas para sair da invisibilidade.

Frente a todo o exposto e, compreendendo que a informação seja ela oral ou escrita (registrada) possui relevância para a preservação e continuidade da cultura de uma nação, de um povo, de uma comunidade, etc., como ainda que a informação é o objeto de estudo da Ciência da Informação (CI) que busca compreender e resolver problemáticas que existem em torno desta, desde a sua organização à sua preservação.

É sabido que no transcorrer da história, muitos foram os suportes e códigos utilizados para representar, preservar e transmitir/disseminar a informação. Se voltarmos a nossas aulas de História geral, no ensino fundamental e médio, bem como aos registros dos livros de História, iremos

lembrar que até surgir o meio eletrônico e o chamado boom informacional, ou até mesmo o papel que veio bem antes e ainda hoje é bastante utilizado, muitos outros suportes foram utilizados com esse propósito, por exemplo: as tábulas, as rochas, paredes de cavernas, papiro etc.

No entanto, antes do homem iniciar esses registros, é possível que muita informação tenha se perdido, pois até o surgimento da escrita, o método mais utilizado para preservar essas informações era a oralidade, ou seja, o que era repassado de pessoa para pessoa, de geração pra geração.

Quando o ser humano reconhece que a manutenção de determinados métodos de preservação da informação pode resultar em perdas significativas, ele busca meios de documentar esses dados relevantes. Inicialmente, esses registros eram voltados para atividades cotidianas, como o gerenciamento de animais e produção de alimentos. Com o tempo, esses registros passaram a abordar informações vitais para o aprimoramento do habitat, a salvaguarda de tradições, a perpetuação de práticas culturais e o entendimento da evolução da espécie humana.

Dado o contexto apresentado e considerando a existência de povos, grupos e lugares que possuem significativa importância histórica, turística, econômica e cultural para um município, estado ou país, mas que ainda são poucos valorizados, com pouca ou nenhuma visibilidade e preservação histórica e cultural, como é o caso das Comunidades Quilombolas.

Reflete-se aqui como a Sociedade, prioritariamente as Comunidades Quilombolas têm se preocupado em preservar sua identidade cultural, bem como, seus conhecimentos tradicionais, no contexto das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com o uso das redes sociais, especificamente na rede social Instagram®.

E sabendo da relevância que essas comunidades possuem para história bem como para a identidade cultural de uma nação, faz-se os seguintes questionamentos: As Comunidades Quilombolas da Paraíba, em especial a Comunidade Quilombola Rufinos, estão integradas ao contexto das redes sociais, e de que maneira utilizam essas plataformas para a conservação de seu saber tradicional, identidade e cultura?

Acredita-se que as redes sociais podem ser grandes aliadas para estas Comunidades no sentido de se registrar e dar visibilidade aos seus costumes, tradições e cultura, conforme Buenos (2013, p. 14), onde reforça que “os recursos on line são usados para romper o isolamento em que muitas comunidades vivem e também para vencer a barreira da falta de espaço que esses povos têm nas mídias tradicionais”.

A intenção pela temática supracitada surge do sentimento de preocupação de esquecimento dos aspectos históricos, sociais, culturais de determinados grupos para as gerações futuras, como ainda, a desvalorização destes para a Sociedade.

O interesse pelo grupo estudado teve origem em um significativo primeiro encontro com uma comunidade quilombola no Rio Grande do Norte. Essa experiência marcante aconteceu durante meu estágio na Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Apoio a Reforma Agrária - SEARA. Foi nesse contexto que tive o privilégio de conhecer o Programa Arca das Letras, uma iniciativa notável que visa promover a leitura e o acesso à educação nas áreas rurais.

Por meio desse programa que tive a oportunidade de conhecer diretamente a comunidade Capoeira, localizada no município de Macaíba, RN. Esse contato direto me permitiu mergulhar nas riquezas da cultura quilombola e compreender as batalhas travadas por eles em prol da preservação de suas tradições e território. Essa experiência transformadora reforçou minha conexão com a comunidade e solidificou meu interesse acadêmico em aprofundar os estudos sobre as dinâmicas e resistências culturais quilombolas.

O intuito de se pesquisar sobre esses grupos, parte principalmente de sua relevância histórica e cultural para a coletividade de uma nação, mas ainda são pouco reconhecidas frente aos benefícios que apresentam. “Benefícios esses que abrangem seus modos de viver, suas relações territoriais, a própria história, patrimônio cultural [...], saberes tradicionais, a preservação da memória, [...]” (MPMG, 2014).

A falta desse reconhecimento e visibilidade, bem como os efeitos prejudiciais do desmonte de políticas públicas, também é um dos motivos

pelo qual se justifica esse trabalho. Durante o período de 2003 até meados de 2017 ainda se pode observar um interesse do Governo Federal em Certificar as Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), como uma forma de garantir a essas populações a posse de seus territórios e dar condições de preservarem sua história e cultura, tal observação pode ser constatada por meio do Quadro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos emitido em 22 de dezembro de 2022, onde através dele observa-se que o período em que mais se certificou CRQs foi entre 2004 e 2013, sendo 38 certificações num total de 47 (FCP, 2022). O que se percebe é que essas populações dependem da boa vontade daqueles que estão no poder, que a partir de seus atos, criam, instituem e implementam programas e políticas públicas direcionadas a esses grupos.

Torna-se evidente que representantes da nação brasileira no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, não demonstraram interesse em destacar e valorizar essas populações, optando, em muitos casos, por perpetuar a discriminação através de discursos. Um exemplo disso é a declaração de Jair Bolsonaro em 2017, quando ainda era pré-candidato à Presidência: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriar ele serve mais” (Uol, 2017).

Um outro exemplo de descaso, preconceito e discriminação é com os povos originários. As populações indígenas vieram sofrendo por parte do último governo, diversos ataques aos seus direitos. Não tem como esperar algo positivo de um Governo cujo o seu representante maior tem o hábito de disparar discursos de ódio e preconceito contra populações que são historicamente marginalizadas e excluídas.

No que diz respeito à justificativa temática, baseia-se ainda, na relevância de se estudar e corroborar para o avanço dos estudos teóricos e empíricos no campo da Ciência da informação, de compreender melhor os conceitos e relação da memória, aspectos cultural/social/informacional e sua relevância para a construção e manutenção da identidade, como ainda compreender o entendimento da importância de uma identidade para uma determinada nação, população, grupo, etc.

Diante do exposto, é fundamental entender como a informação, enquanto elemento sociocultural transmissor, juntamente com aspectos da memória, pode auxiliar na conservação da identidade cultural de uma comunidade, logo Azevedo Netto (2007, p. 5) diz que “a informação só existe na presença do homem, como seu receptor, já que é nesta instância que se dá o reconhecimento da informação, mas incluindo aí o homem não só como indivíduo, mas também como ser e ator social.”

Do ponto de vista social, busca-se colaborar com a preservação e visibilidade da história e da identidade cultural de povos e comunidades tradicionais, com foco nas Comunidades Quilombolas do Estado da Paraíba. O objetivando a manutenção das tradições, dos costumes e hábitos para as gerações futuras. A compreensão da utilização das redes sociais como uma ferramenta para informar e tornar essas populações e sua cultura visíveis visando minimizar as desigualdades sociais, a discriminação e o preconceito direcionados a esses grupos. Em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10 (Redução das desigualdades) (ONU, 2022).

Nesse ínterim, busca-se por meio da Linha de Pesquisa Memória, Mediação e Apropriação da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba a base e os métodos científicos necessários para compreender como se dá a visibilidade e a preservação da identidade cultural desses povos e comunidades por meio do uso das redes sociais.

Com o intuito de responder a problemática apresentada, delineou-se como **objetivo geral**: Investigar a maneira pela qual a Comunidade Quilombola Rufinos, situada no município de Pombal-PB, mantém e compartilha seu saber tradicional, identidade e cultura construída ao longo das gerações, utilizando a plataforma Instagram® como meio. E como **específicos**: a) Verificar como a identidade e cultura da Comunidade Quilombola Rufinos pode ser conhecida através do Instagram; b) Conhecer a contribuição dos saberes e fazeres tradicionais, vividos através das narrativas da Comunidade Quilombola Rufinos no contexto do Instagram; e c) Elaborar uma “categorização” das referências culturais da Comunidade Quilombola Rufinos através do Instagram.

O trabalho está organizado em 6 capítulos, sendo o primeiro deles a Trilhas iniciais, título que faz analogia às trilhas de fuga que eram utilizadas pelas pessoas escravizadas, nele apresenta-se um panorama do trabalho, como ainda a problemática que permeia o recorte da temática abordada, os objetivos e a justificativa; e o Capítulo 2 Encruzilhadas metodológicas, faz analogia aos caminhos que se cruzavam no ato da fuga das pessoas escravizadas, nele aborda-se os caminhos escolhidos que proporcionaram métodos que ajudaram a alcançar aos objetivos do trabalho.

O capítulo 3 intitulado Refinamento teórico, faz referência a um dos processos para a fabricação do tijolo de barro, tradição da Comunidade Quilombola Rufinos. Nele faz-se um desdobramento do capítulo, abordando os aportes teóricos sobre informação, memória e identidade, objetivando compreender como se dá essa relação pela ótica da Ciência da informação; Conceitua-se os Povos e Comunidades Tradicionais, abordando-se os aportes teóricos e conceituais sobre estes. Identificando os Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil situando-os na chamada Sociedade da Informação e em seguida mapeando as comunidades Quilombolas do Estado da Paraíba.

No capítulo 4 “Somos a resistência” - Memória e identidade cultural no Instagram da Comunidade Quilombola Rufinos , fazendo referência ao grito de luta dos moradores da Comunidade Quilombola Rufinos, apresenta-se uma análise de como se dá a preservação do conhecimento tradicional, identidade e cultura da Comunidade Quilombola Rufinos no contexto da rede social Instagram.

O Capítulo 6 intitulado Considerações finais apresenta alguns apontamentos e reflexões finais, bem como os resultados alcançados.

2 “ENCRUZILHADA¹” METODOLÓGICA

Apresentam-se neste capítulo as decisões quanto aos caminhos cruzados e percorridos para que fosse possível alcançar os objetivos deste trabalho.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, classifica-se como pesquisa exploratória e descritiva e quanto aos procedimentos técnicos caracteriza-se como sendo bibliográfica.

Exploratória, pois buscou-se uma maior familiarização com a temática e com a problemática; e descritiva pois realizou-se uma descrição, mesmo que pequena, de uma Comunidade, levando em consideração seus hábitos, costumes e tradições culturais buscando compreender esses aspectos em um determinado contexto, no caso da pesquisa em questão, no contexto das redes sociais, com base e conforme explicita Gil (2017).

As pesquisas exploratórias têm como objetivo principal esclarecer, desenvolver e modificar conceitos e ideias. São realizadas quando há a necessidade de obter uma visão geral de um determinado fato e é escolhido quando o tema ainda não é muito explorado.

Bibliográfica quanto aos procedimentos, onde conforme Gil (2017) a bibliográfica é elaborada com base em materiais já publicados, seja eles impressos, eletrônicos, nos variados suportes e fontes; Em relação a pesquisa bibliográfica Gil (2017) delimita e diferencia quando uma pesquisa deve ser bibliográfica e/ou documental.

O autor explica que,

[...] há fontes que ora são consideradas bibliográficas, ora documentais. Por exemplo, relatos de pesquisas, relatórios e boletins e jornais de empresas, atos jurídicos, compilações estatísticas etc. Assim, recomenda-se que seja considerada fonte documental quando o material consultado é interno à organização, e fonte bibliográfica quando for obtido em bibliotecas ou bases de dados (Gil, 2017, p. 35).

¹ Para o Dicionário Online de Língua Portuguesa o termo encruzilhada se refere a um lugar onde se cruza mais de uma rua, estrada ou caminhos; ou no sentido figurado, um “dilema” que torna difícil a tomada de decisão (Dicio, 2023)

Dessa forma, de início realizou-se um levantamento bibliográfico com o intuito de compreender melhor os aspectos da Sociedade da informação, sua relação com as TDIC e as redes sociais digitais e de que forma estas podem contribuir para a preservação da identidade cultural dos povos e comunidades tradicionais.

As leituras e reflexões realizadas durante as fases da pesquisa, proporcionaram melhor direcionamento e delineamento do objeto e dos sujeitos da pesquisa.

O levantamento bibliográfico foi realizado em artigos, livros, dissertações, teses, documentos oficiais emitidos por órgãos e instituições governamentais, relatórios demográficos de sites oficiais nacionais e estaduais, como ainda de instituições representantes de povos e comunidades tradicionais.

Ressalta-se que os relatórios demográficos se apresentaram como uma fonte de informação importantíssima, pois a partir deles foi possível identificar os povos e comunidades tradicionais do Brasil e da Paraíba, bem como mapear as comunidades Quilombolas do Estado da Paraíba. E apesar de existir um órgão responsável pelo registro e controle desses grupos no Estado da Paraíba os relatórios disponíveis em sites estão desatualizados e com poucas informações.

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracterizou-se como qualitativa, pois

A Pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (Dezin; Lincoln, 2006, p. 17).

Para além da pesquisa bibliográfica, realizou-se uma pesquisa empírica dos sites de redes sociais digitais utilizadas pelas Comunidades Quilombolas da Paraíba, onde por meio dessa pesquisa, conseguiu-se fazer o

levantamento de quais Comunidades Quilombolas da Paraíba já estão inseridos no contexto dessas redes, como ainda identificar qual/quais seriam o objeto de estudo dessa pesquisa e por fim teve o intuito de analisar como e de que forma a Comunidade utiliza a rede social, principalmente no que se refere a preservação e visibilidade de seus costumes, hábitos e tradições culturais.

Na pesquisa foram identificadas 26 Comunidades Quilombolas na Paraíba que possuem alguma rede social digital, seja uma página ou perfil no Instagram® ou Facebook®.

Após essa etapa, estabeleceram-se critérios para a escolha da Comunidade e do perfil da rede social a ser analisado, para isso, eliminou-se aqueles perfis que não pertenciam a Comunidade de fato, que foram fruto de projetos de pesquisa/extensão; Os perfis que não pertenciam a associação ou responsáveis pelo quilombo; Os perfis que não demonstraram nenhuma atividade/postagem nos últimos 3 meses. Após esses critérios técnicos relacionados ao uso da rede social, levou-se em consideração fatores relacionados à Comunidade, como tempo de certificação pela Fundação Cultural Palmares (FCP), história, etc..

Frente ao exposto, elegeu-se o perfil @quilomborufinospombal da Comunidade Quilombola Rufinos no site Instagram®.

No que concerne à análise da rede social, explorou-se os dados em uma perspectiva qualitativa e interpretativa, utilizando a análise de conteúdo temática pela perspectiva de Minayo (2007).

Bardin (1979 *apud* Minayo, 2007, p. 85) “[...] menciona a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas, indicando que há várias maneiras de analisar conteúdos [...]” Minayo (2007) destaca a análise de avaliação/representacional, análise de expressão, análise de enunciação e análise temática/categorial.

Na análise temática “[...] o conceito central é o tema. Esse comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo.” Nesse sentido, pretende-se analisar as postagens realizadas, seja em texto ou imagem nas modalidades de *feed*, *reels* e *stories*, como ainda os comentários e interação entre os participantes

a fim de verificar a troca de experiências, relatos sobre as tradições, costumes e hábitos da Comunidade estudada.

2.1 Instagram®: Território de memória(s) e identidade(s)

O Instagram é uma plataforma de compartilhamento de fotos e vídeos que pode ser acessada tanto por meio de um aplicativo móvel quanto por um site, criado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, tendo como intuito ser um espaço para os usuários compartilharem suas fotos e vídeos de forma instantânea na internet (Dias, 2021).

Apesar da rede social ter nascido com uma finalidade mais recreativa, podemos observar que ao longo dos anos a rede social foi se tornando uma ferramenta de marketing importantíssima no mundo empresarial. E não apenas isso, mas um local para se compartilhar conteúdos específicos, pessoas específicas e grupos/comunidades específicas, no intuito de dar visibilidade a estes.

Ademais, em uma reflexão mais aprofundada percebe-se que essas redes, por meio dos perfis dos usuários, se tornam lugares de construção da memória coletiva, de criação, manutenção e até (re)configuração de identidades (sejam elas pessoais, corporativas, social, profissional ou cultural).

Tal afirmação pode ser confirmada com a presença de pesquisas realizadas nesse âmbito, como por exemplo a pesquisa de Viana (2021) que buscou compreender a rede social digital Instagram como um espaço de memória e identidade de três coletivos feministas na cidade de João Pessoa/PB; e a pesquisa de Silva (2021) que discutiu a relação do Instagram com a memória, a fim de tornar compreensíveis seus constructos teóricos basilares e suas características com o objetivo de chamar a atenção para a importância para a fotografia como memória visual do mundo físico e natural.

Nesse sentido, apresenta-se o Locus de pesquisa, o perfil do Instagram® @quilomborufinospombal, trata-se da rede social da

Comunidade Quilombola Rufinos, localizada no município Pombal no interior da Paraíba.

O perfil @quilomborufinospombal foi criado em 2019, data de sua primeira postagem na rede social e traz na sua bio² uma breve apresentação do perfil, dela podemos extrair a informação de que o perfil pertence a Associação Quilombola Rufinos, que a mesma fica localizada no Sítio São João I no município de Pombal, no interior da Paraíba e ainda a menção ao orgulho de ser Rufino e de suas raízes Quilombolas.

O perfil possui 2.198 seguidores, 652 postagens (*feeds*), identidade visual própria, seus destaques (que são formados por *stories*) são subdivididos em: Eventos, Rota turística, Entrevistas, Redes Sociais, Acervo de fotos, Lives, Localização, Quilombo Rufino, E-mail, Reuniões e Visitas.

Entende-se como necessário diferenciar os diversos tipos de postagens que o Instagram permite que os seus usuários façam, a saber: *Feed* estático, *Stories*, IGTV, *Reels*, Carrossel. O *Feed* estático é o tipo de postagem mais comum e utilizado na rede social, é um tipo de postagem permanente que fica disposto num quadro de postagens do perfil; os *Stories* são conteúdos temporários e mais dinâmicos que podem ter formato de imagem e vídeo com duração de até 15 segundos; o IGTV é o canal de vídeos do Instagram, ideal para vídeos longos de até 10 minutos; os *Reels* são compostos por vídeos dinâmicos de até 30 segundos; Carrossel é uma postagem composta por várias imagens (slides) (Dias, 2021).

Analisou-se todos os tipos de postagens disponíveis no perfil, como ainda os comentários que abordassem tradições, costumes, etc. como ainda uma possível interação entre os usuários daquela rede.

Ao todo foram 652 postagens analisadas mais os stories nos destaques. Com base na análise temática proposta por Minayo (2007). A análise foi realizada da seguinte forma: começou-se pela postagem mais antiga até as mais atuais, onde abriu-se uma por uma, analisou-se a imagem, realizou-se uma leitura da descrição/legenda da imagem e ainda se verificou se houve algum tipo de comentário ou interação que fosse possível extrair algo relacionado a temática estudada.

² Espaço de apresentação de determinado usuário no Instagram.

Ao longo da análise foram sendo estipuladas categorias com base na temática que a postagem estava abordando. Com base na análise e na temática abordada estabeleceu-se as seguintes categorias: Tradições, Religiosidade, Celebrações, Personalidades e Medicina natural.

3 REFINAMENTO TEÓRICO

Assim como num processo de construção do tijolo de barro, tradição da Comunidade estudada, onde se faz um refinamento da areia, na fase inicial da produção do tijolo, realizou-se uma busca de materiais que em seguida passou por um “refinamento”, onde elegeu-se a temática e autores que pudessem nos fornecer o embasamento teórico necessário para a discussão e construção deste.

3.1 Informação, Memória e Identidade Cultural

De acordo com Le Goff (2003) a interdisciplinaridade nas Ciências sociais modificou a percepção da memória coletiva. Onde apenas no ano de 1950 a partir das observações de Maurice Halbwachs o estudo da memória coletiva passa a interagir com a psicologia social, antropologia e etno-história.

A Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 2003, p. 419).

O estudo da memória social “é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (Le Goff, 2003, p. 368).

Pelo olhar de Halbwachs (2006) a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, onde a memória individual também contém seus aspectos de memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence e interage constantemente com a sociedade; “[...] podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais” (Halbwachs, 2006, p. 11).

De acordo com Halbwachs (2006) haveria duas memórias, um interior ou interna e a outra exterior, que fora chamada de memória pessoal e a segunda de memória social. O que o autor chama ainda como “memória autobiográfica e memória histórica”, onde a primeira receberia ajuda da segunda. Contudo, faz-se necessário entender que a memória coletiva não se confunde com a história, pois a expressão memória histórica foi utilizada de forma infeliz.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 71) “[...] existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias.”

A memória individual, apesar do nome, não está em sua totalidade isolada e fechada, pois para evocar o seu próprio passado, em geral o indivíduo precisa recorrer às lembranças de outros, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela Sociedade (Halbwachs, 2006).

[...] a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídos em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (Halbwachs, 2006, p. 72).

Frente o exposto, entende-se que através da utilização do método da História oral de vida, buscar-se-á a construção de uma memória coletiva através das memórias individuais dos indivíduos e vice-versa, a fim da construção da narrativa histórica, bem como da identificação dos aspectos culturais, sociais, informacionais desses sujeitos.

Para a construção do trabalho pretende-se utilizar o sentido de informação considerado por Azevedo Netto (2007, p. 6) como:

[...] aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. É aquele fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação e consumo, que implica na sua própria reprodução, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica, dentro da sua recontextualização. Vendo aí uma questão de identidade, já que a informação implica em significação, ela poderia estar restrita a setores ou segmentos culturais, que podem ser mais ou menos permeáveis, produzindo, assim, novos significados sobre a informação disseminada.

Azevedo Netto (2007, p. 4) explica que “O conceito de informação há muito vem despertando uma série de discussões a respeito da sua delimitação, bem como as suas formas de uso, tanto no nível social, cotidiano, quanto no nível analítico, dentro da Ciência da Informação.”

Refletindo sobre a relação entre a memória e a informação, Azevedo Netto (2007, p. 14) explica que:

[...] a relação da memória com a informação começa a ser estabelecida, sob o ponto de vista geracional. Mas quanto à forma de produção de conhecimento, as abordagens sistemáticas da informação são relacionadas com a memória, e vice-versa. Ou seja, que objetos, percursos e discursos podem ser produzidos a partir da relação em pesquisa da informação e memória, que vá além da relação primeira estabelecida por LeGoff.

A memória carrega vestígios informacionais que contribui para a Ciência da Informação para Silva e Oliveira (2014, p. 136),

A memória na Ciência da Informação traz em sua entrelinha “os traços informacionais” através da organização da matéria no processo de representação da informação, possibilitando uma eficácia no processo de recuperação da informação, ou seja, um limiar infor-comunicativo que permite a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende a sua principal função que é a de recuperar para informar.

Demonstrando-nos que a Ciência da informação como ciência interdisciplinar que tem como objeto de estudo a informação, se preocupa não apenas em como a informação é gerada, disseminada, tratada, mas

também preservada. Araújo (2018) fala que a memória sempre esteve presente na Ciência da informação, mas que nos últimos vinte anos tem tido um maior destaque e isso é perceptível ao acessarmos a Biblioteca de Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da informação no Brasil.

Ainda segundo o autor pela perspectiva de autores como Dodebei e Gondar (2005); Silveira e Reis (2017); e Daminet *al.* (2018), a memória passou a ser vista dentro de um quadro da sua construção social, do seu papel na constituição da cultura e da própria realidade.

Mais ainda, a maneira como os distintos indivíduos e grupos participam desse processo conduziu a uma compreensão da memória como um “campo de batalha”, no qual os atores lutam pelo estabelecimento dos critérios a partir dos quais será decidido o que será, coletivamente, lembrado e esquecido, valorizado e desprezado (Araújo, 2018, p. 75).

Ao compreendermos o conceito de memória, memória individual, coletiva, bem como a informação e a memória estão relacionadas, faz-se necessário compreender também os conceitos de identidade, identidade cultural, em como se relaciona com a questão da representação bem como sua importância para uma nação, sociedade, grupo, etc. Para isso, a princípio, utilizou-se os conceitos basilares sobre identidade na perspectiva de Bauman (2005) e Hall (2019).

Sobre o conceito de identidade, Stuart Hall nos apresenta três concepções sobre identidade, a primeira na perspectiva do sujeito do iluminismo, a segunda pela perspectiva do sujeito sociológico e a terceira na perspectiva do sujeito pós-moderno (Hall, 2019).

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, [...]. A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (Hall, 2019, p. 10-11).

Sobre o Sujeito Pós-moderno, o autor explica que surge do “[...] processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2019, p. 11).

Nessa perspectiva, a identidade não é algo fixo ou permanente, onde a mesma pode ser transformada de forma contínua relacionando-se com a forma que somos representados pelos sistemas culturais (Hall, 2019).

Corroborando com esse pensamento de uma identidade na perspectiva do sujeito pós-moderno, Bauman (2005, p. 17) fala que nos tornamos conscientes de que “[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...].”

De forma breve, pode-se compreender que existem aspectos da identidade que permanecem no sujeito, independente do tempo, de gerações; aspectos que são modificados, atualizados devido às próprias culturas que vão emergindo, dependendo muito do que o sujeito resolve “incorporar”, tomar para si em sua própria identidade. Nesse sentido, existiriam a identidade cultural de uma nação, povo, sociedade e existe a identidade do próprio sujeito que será relacionada à Memória e ao contexto das TICs no tópico a seguir.

3.1.1 Memória e Identidade Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais no contexto das TICs

Candau (2016) nos explica que a memória e a identidade estão “indissolivelmente ligadas” e que preservar a memória é preservar a identidade de um povo, grupo, nação.

O autor explica ainda que,

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e a da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra pra produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2016, p. 16).

A memória compreendida e abordada aqui, pode ser explicada por Le Goff de forma que,

A Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 2003, p. 419).

Ao passo que Joel Candau (2016) nos explica que a memória e identidade estão “indissolúvelmente ligadas”, na perspectiva do autor “[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado.” (Candau, 2016, p. 09) São narrativas que sobrevivem ao passado e são constantemente lembradas.

[...] a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. [...] **A memória é a identidade em ação.** [...] precede a construção da identidade,[...] (Candau, 2016, p. 16-17, grifo próprio).

Nesse contexto, compreende-se que a memória tem um papel importante na construção da identidade de um indivíduo ou de um coletivo, por meio das narrativas que se estabelece o pertencimento identitário. No entanto, esse pertencimento vem também da representação que um determinado sujeito/coletivo faz ou adota para si.

Dessa forma, Candau (2016) diz que a identidade seria então,

[...] uma representação ou um estado adquirido, enquanto que a memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana-, toma-se difícil consentir sobre a preeminência de uma sobre a outra quando se considera o homem em sociedade. [...] Não há busca identitária sem

memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (Candau, 2016, p. 19).

No que se refere ao indivíduo e sua identidade individual, Candau (2016) explica que a identidade seria um estado resultante de uma instância que estabelece certas características, ou seja, uma representação daquele indivíduo.

Para representar uma coletividade,

O termo é então utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico, a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma/representação (Candau, 2016, p. 25).

Quanto aos aspectos da identidade cultural, onde a cultura também está por instância, interligada a estes outros elementos. Compreende-se aqui a cultura como a produção e compartilhamento de práticas, representações, crenças e lembranças em um determinado contexto (Candau, 2016). Logo, a identidade cultural seriam atributos ou elementos que constituem e formam a cultura identitária que caracteriza um grupo, um coletivo.

Nesse ínterim, como é de conhecimento as pessoas sempre tiveram a preocupação em transmitir ou registrar de alguma forma suas informações. Se antes a tradição familiar, cultural era repassada oralmente ou pela escrita para outras gerações, com o surgimento das TICs impulsionadas pela Sociedade da informação esse processo ficou ainda mais facilitado, quando da sua possibilidade e do conhecimento/competência do seu acesso e uso.

Nesse sentido, as TICs vêm modificando a forma dos grupos se organizarem e preservarem suas tradições, suas memórias e consequentemente, sua identidade cultural.

Durante as pesquisas realizadas para o levantamento bibliográfico deste foi possível verificar que algumas dessas comunidades já estão utilizando ou se tem a proposta da utilização de alguma TIC/TDIC para a

preservação de sua memória e de sua identidade cultural, a exemplo dos artigos analisados.

Nesse sentido, pode-se constatar que as TICs/TDICs já estão sendo utilizadas para a preservação da informação que tratam sobre seus costumes, hábitos, tradições que definem a identidade cultural desses povos e comunidades, por meio da criação e manutenção de programas de rádio, produções midiáticas em suporte digital, sites, blogs e repositórios, possibilitando além da sua preservação, a disseminação dessa memória e de sua identidade cultural de uma forma mais rápida, ampla e facilitada, sendo esta uma característica e meta da Sociedade da informação.

E não apenas de preservar, mas também como uma forma de dar ampla visibilidade a essas memórias, a tradições e costumes de seu grupo, como ainda, de requerer do Estado e da Sociedade o respeito devido e o exercício pleno da cidadania.

Observa-se uma grande quantidade de pesquisa que abordavam a questão da “Preservação da identidade cultural” grupos e comunidades tradicionais e não tradicionais mas não vinculados à utilização das TICs. Ou seja, não havia uma aplicação do uso das TICs envolvida no processo da preservação dos conhecimentos tradicionais, dos hábitos e costumes abordados no trabalho.

Bem como, observou-se trabalhos que abordavam o uso de uma TIC para a preservação da identidade cultural ali abordada, mas não estavam vinculados ou relacionados aos povos e comunidades aqui abordadas.

É sabido que o uso dessas Tecnologias mencionadas são ferramentas que já estão sendo bastante utilizadas com o intuito de preservar a memória, disseminar, possibilitar e facilitar o acesso e uso à informações em vários contextos.

Verificando-se que essas Tecnologias se bem implementadas pelos indivíduos, grupos e comunidades podem impactar positivamente não apenas no sentido da preservação da memória/identidade cultural, mas também, nos aspectos econômicos, promoção de bem-estar e exercício da cidadania para os indivíduos que fazem parte destes grupos/comunidades.

Esses povos e comunidades têm saído da tradição oral para registrar e preservar as memórias em suportes analógicos ou digitais com a utilização de TICs.

3.2 Elementos Sociotransmissores de Memória e Identidade Cultural

Ainda embasando-nos no pensamento de Candau (2016) a memória e consequentemente a identidade cultural existem para serem transmitidas.

A transmissão está, por consequência, no centro de qualquer abordagem antropológica da memória. Sem ela, a que poderia então servir a memória? Louis-Jean Calvet resume os questionamentos sobre a transmissão social em quatro perguntas: o que conservar? Como conservar? Quem conservar? Como transmitir? Poderíamos acrescentar uma quinta: por que transmitir? (Candau, 2016, p. 106).

O autor nos explica que essa transmissão da memória se dará por meio do que ele chama de “exteriorização da memória” e ela começa a se tornar mais explícita a partir da aparição da escrita. A tradição da escrita veio para facilitar essa transmissão (Candau, 2016).

Uma outra forma de transmissão da memória é pela tradição oral, porém, esta não seria tão eficiente quanto a escrita, principalmente em grandes populações.

Excetuando o caso de pequenas comunidades nas quais a transmissão oral é suficiente para impregnar o indivíduo de sua tradição cultural, e se abstraímos os múltiplos processos protomemoriais que, em todas as sociedades, podem prescindir de escritos, **a escrita - e mais ainda o impresso - permitiu, sem dúvida, a socialização da memória e a possibilidade de estocagem de informações cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira bem mais eficaz que a transmissão oral** (Candau, 2016, p. 108, grifo próprio).

Candau (2016) reforça o pensamento de que a escrita facilitou a socialização da memória de forma mais consistente do ponto de vista factual e superficial do ponto de vista da representação.

Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a metamemória. Assim, o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos. Entretanto, com frequência a escrita, como modalidade de expansão da memória, deixa a busca identitária incompleta (Candau, 2016, p. 109).

Entre as duas formas de transmissão, o autor destaca que na maioria das vezes a transmissão escrita é imprescindível, mas que existem outras formas que são menos explícitas que podem manifestar em algum determinado contexto uma grande eficácia (Candau, 2016).

Frente o exposto, pode-se compreender que a informação oral e/ou escrita (impressa ou não), disponível em qualquer forma ou suporte, constituem-se de elementos de transmissão social da memória e da identidade cultural. Sendo, a informação escrita e registrada um meio mais eficaz que a informação oral para preservar as memórias e conseqüentemente a identidade de um grande coletivo.

Para Candau (2004, p. 52) “Metaforicamente, os sociotransmissores preenchem entre os indivíduos a mesma função que os neutotransmissores entre neurônios: favorecem as conexões.”

Os objetos, monumentos, imagens que nós vemos ali e que são todos sociotransmissores, provocam emoções compartilhada, solicitam um imaginário comum. Eles permitem, como diz Jean Davallon (2000, p.15-16), um trabalho de “memorização” a partir do qual “nós nos estimamos não os depositários da memória desses que foram os criadores desses objetos, mas (os depositários) da descoberta desses objetos em si mesmos” (Candau, 2004, p. 53).

No entanto, compreende-se ainda, que apenas a transmissão de conhecimentos sobre regras, ervas, ritos ou o contato com objetos, imagens, não é suficiente para a transmissão da memória, é necessário que se tenha uma autoidentificação com aquilo que está sendo transmitido.

“A aquisição de uma identidade [...] vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades técnicas: ela se

inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos” (Candau, 2016, p. 119).

No contexto da Sociedade em que vivemos, onde o volume de informações é crescente e ininterrupto, é preciso utilizar de todos os meios e ferramentas possíveis com o intuito de tentar garantir que haja uma preservação e transmissão da memória e identidade cultural para as gerações futuras.

E por quê esses processos de preservação, transmissão de memórias e identidades se faz tão importante? Podemos citar vários motivos, mas aqui aborda-se principalmente a relevância de podermos sempre que necessário termos acesso ao passado, às tradições, aos hábitos, costumes, características que construíram a nossa identidade como sujeito que faz parte de um núcleo familiar, de uma comunidade, de uma nação. E como visto, uma nação pode possuir várias identidades culturais, isso acontece por que uma nação é constituída de vários indivíduos, de vários povos, cada qual com suas características e costumes.

O Brasil, por exemplo, é uma nação que é formada por vários povos e grupos que aqui aborda-se como Povos e Comunidades Tradicionais (PCT), que são grupos que possuem relevância seja devido à sua carga histórica, às suas características, tradições e costumes próprios.

3.3 Os povos e comunidades tradicionais do Brasil

Quando consultamos a literatura, podemos encontrar várias formas de fazer referência a esses povos e comunidades, desde populações tradicionais, povos indígenas tradicionais, e comunidades locais com estilos de vida tradicionais e etc, esses são alguns exemplos que pode-se ser encontrada na literatura.

Berger Filho e Sparemberger (2008, p. 10) explicam que,

Tal polissemia e indeterminação de abrangência dos termos se dá, justamente, pela pluralidade de situações e características culturais e ecossistêmicas entre os diferentes povos e, também, pelas diferentes formas de estudar e compreender estes povos por parte da ciência ocidental e pelos diferentes

significados dessas expressões nas diversas línguas em que são realizadas as pesquisas e formulados textos normativos.

A Medida provisória nº 2186-16 de 23 de agosto de 2001 é um exemplo que faz a menção aos PCTs como “comunidade local”, como já explanado, cuja definição é a de,

[...] grupo humano, incluindo remanescentes de comunidades de quilombos, distinto por suas condições culturais, que se organiza, tradicionalmente, por gerações sucessivas e costumes próprios, e que conserva suas instituições sociais e econômicas;[...] (Brasil, 2001).

Mas é no Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 que encontramos a definição mais utilizada. O Decreto é responsável por instituir a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil (Brasil, 2007).

Em seu art. 3º, o Decreto nº 6.040 define os Povos e Comunidades Tradicionais como,

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;[...] (Brasil, 2007).

O Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), elaborou uma cartilha para falar e dar visibilidade aos PCTs daquele estado e com uma definição bem semelhante que corrobora com a do Decreto acima mencionado, refere-se a estes como,

[...] grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações (MPMG, 2014, p. 12).

Podendo ser definidos ainda como,

[...] povos que ocupam ou reivindicam seus territórios tradicionalmente ocupados, seja essa ocupação permanente ou temporária. Os membros de um povo ou comunidade tradicional têm modos de ser, fazer e viver distintos dos da sociedade em geral, o que faz com que esses grupos se autorreconheçam como portadores de identidades e direitos próprios (MPMG, 2014, p. 12).

Nesse entendimento, fazem parte desses povos e comunidades, os quilombolas, os povos indígenas, comunidades de matriz africana ou de terreiro, extrativistas, ribeirinhos, caboclos, pescadores artesanais, pomeranos, caiçaras, etc.

Essas comunidades podem e são reconhecidas ainda pelos benefícios que apresentam para a coletividade de uma nação, comunidade e ou grupo. Benefícios esses que abrangem seus modos de viver, suas relações territoriais, a própria história, patrimônio cultural (seja material ou imaterial), saberes tradicionais, a preservação da memória, entre outros (MPMG, 2014).

Dentre as características específicas que determinam um povo/comunidade tradicional, encontramos o seu território, a forma de produção e organização social.

Quanto ao território,

As relações específicas que esses grupos estabelecem com as terras tradicionalmente ocupadas e seus recursos naturais fazem com que esses lugares sejam mais do que terras, ou simples bens econômicos. Eles assumem a qualificação de território (MPMG, 2014, p. 13).

Quanto aos aspectos históricos vale ressaltar que são povos e comunidades que são marcados pela exclusão seja por fatores étnico-raciais, seja por fatores econômicos.

Quanto a sua organização social, são grupos

[...]que têm como característica a conformação de famílias extensas ou ampliadas. É comum encontrarmos, numa única unidade doméstica, dois, três ou mais núcleos familiares,

residindo na mesma casa avós, filhos, netos, afilhados, outros agregados (MPMG, 2014, p. 14).

Os organizadores da obra em questão salientam que a conformação da família pode ser compreendida como uma forma de atender a necessidades morais, sociais, culturais e até econômicas próprias. Como ainda, que não se pode separar a família de território, pois na grande maioria, essas comunidades se constroem por meio da aglutinação de vários sítios familiares e quem mantém uma ancestralidade em comum (MPMG, 2014).

No que concerne a questão da produção, geralmente são povos e comunidades que veem no plantio, na criação, caça, pesca, artesanato uma forma de consumo, práticas sociais (festas, ritos, procissões, etc.) e produção comercial (MPMG, 2014).

[...] é frequente a associação de práticas produtivas ao calendário religioso, com festas de santo, [...] que garantem, em última instância, a fartura na colheita e na vida social. Cabe ressaltar ainda que tais práticas estão ligadas normalmente à utilização de recursos naturais renováveis e de tecnologias de baixo impacto ambiental, explorando potencialidades e respeitando limites (MPMG, 2014, p. 14).

No Brasil, é possível encontrar ao todo 28 povos e comunidades tradicionais, dentre eles: Andirobeiras, Apanhadores de Sempre-vivas, Caatingueiros, Caiçaras, Castanheiras, Catadores de Mangaba, Ciganos, Cipozeiros, Extrativistas, Faxinalenses, Fundo e Fecho de pasto, Geraizeiros, Ilhéus, Indígenas, Isqueiros, Morroquianos, Pantaneiros, Pescadores artesanais, Piaçaveiros, Pomeranos, Povos de terreiro, Quebradeiras de Coco babaçu, Quilombolas, Retireiros, Ribeirinhos, Seringueiros, Vazanteiros e Veredeiros (Souza, 2022, grifo próprio).

Os povos indígenas são os primeiros povos tradicionais do Brasil, chamados de povos originários, considerados os donos da terra e fazem parte do arcabouço dos povos e comunidades tradicionais. Só após a colonização é que outros povos vão sendo agregados (Souza, 2022).

Souza (2022) diz que são aproximadamente 400 anos de formação de povos e comunidades tradicionais e não é um processo finalizado, ou seja,

ainda podem surgir outros povos/comunidades. Neste trabalho, abordou-se os povos Quilombolas, precisamente a Comunidade Quilombola Rufinos “Os Rufino” do Município de Pombal na Paraíba.

Vale ressaltar que embora esses povos e comunidades sejam riquíssimos em diversidade cultural, histórica, etc., muitos deles se encontram em localidades de difícil acesso, longe das grandes cidades, o que dificulta o acesso a algumas tecnologias e o acesso a internet.

Nesse ínterim, frente o exposto e a todo contexto de globalização e ampliação exponencial do uso da tecnologia por todos os setores e áreas da Sociedade, faz-se necessário refletir onde se enquadram, como vivem esses grupos/comunidades frente a essas “novas” possibilidades, principalmente em relação ao uso das TICs por esses grupos.

3.3.1 Comunidades Quilombolas da Paraíba

Historicamente ou em uma definição colonial, os quilombos eram lugares onde os negros se refugiavam, se escondiam quando tentavam fugir da escravidão - um lugar de sobrevivência, de remanescente.

Definir ou conceituar algo tende a limitar o “objeto” conceituado dentro daqueles termos estabelecidos. E é dessa limitação conceitual que os povos Quilombolas buscaram fugir nas últimas décadas. Na literatura, legislações, é possível encontrarmos várias definições que conceituam ou que coloca em termos o que se caracteriza uma Comunidade Quilombola e até uma pessoa Quilombola.

No entanto, uma das primeiras observações que se faz nesse tópico, é a ausência do que a Constituição Federal (CF), instrumento maior que direciona e rege a nossa nação, caracteriza como pessoa ou comunidade Quilombola. Ou seja, não iremos encontrar na CF um entendimento, conceito ou definição do que é uma pessoa ou comunidade Quilombola. Iremos encontrar sim alguns pontos em que são abordados alguns direitos desses grupos.

Em 2003, o Decreto 4.887 em seu artigo 2º faz referência a pessoas e comunidades Quilombolas como “remanescentes das Comunidades de Quilombos”. Onde,

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003 *apud* IBGE, 2023).

Vale ressaltar que não são todas as pessoas Quilombolas que concordam com esse termo “remanescentes” por dar um entendimento de que são poucas pessoas ou que seria o que restou daqueles povos. Sobre isso, Marques (2009) explica que essa questão conceitual começa quando se parte para definição da palavra Quilombo, onde muitas vezes é utilizada uma definição histórica ou arqueológica.

Almeida (2002, p. 62-63 *apud* Marques, 2009, p.344) explica que,

[...] é necessário que nos libertemos da definição arqueológica, da definição histórica *strictu sensu* e das outras definições que estão frigidificadas e funcionam como uma camisa-de-força, ou seja, da definição jurídica dos períodos colonial e imperial e até daquela que a legislação republicana não produziu, por achar que tinha encerrado o problema com a abolição da escravatura, e que ficou no desvão das entrelinhas dos textos jurídicos.

A Associação Brasileira de Antropologia (ABA), apresenta uma definição embasada na teoria da etnicidade, explicando que as Comunidades Quilombolas,

Não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as

versões compartilhadas de sua trajetória e continuidade enquanto grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão (Associação Brasileira de Antropologia, Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais, 17/18 de outubro de 1994, Rio de Janeiro/RJ) (ABA, 1994 *apud* IBGE, 2022).

Corroborando, o Instituto Nacional de de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), define as Comunidades Quilombolas como,

grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (Brasil, 2020).

Frente às definições explanadas, bem como o entendimento da própria população que muitas das vezes não se sente totalmente representada por uma delas. Compreende-se que o ser pessoa ou Comunidade Quilombola tem a ver com as questões de experiências, tradições, vivências que só aquela população pode relatar.

Para fins de conhecimento, além das Comunidades Quilombolas, no estado da Paraíba, é possível identificar ainda outros grupos, por exemplo: os povos indígenas, Ribeirinhos, povos de Terreiros, Sertanejos, Pescadores artesanais e até ciganos.

Para a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba (SEMDH),

Somos um estado com a riqueza da diversidade étnico-racial, contando com a presença de diferentes comunidades tradicionais, tais como: população negra, povos originários indígenas, população cigana, comunidades quilombolas, de religião de matriz africana e juremeiros que estão distribuídas em todo o território paraibano (SEMDH, 2019, p. 8).

Em Censo realizado pelo próprio Governo do Estado da Paraíba no ano de 2012 existiam 365 famílias ciganas no estado, um número aproximado de 111 terreiros presentes na cidade de João Pessoa, mais de 3.000 mil

Comunidades de Religião Matriz Africana e em relação ao quantitativo de famílias Quilombolas no Estado estima-se que eram naquela época em torno de 2.663 famílias Quilombolas, no entanto, não é possível quantificar um número de pessoas que fazem parte dessas comunidades por não haver, à época, um mapeamento de abrangência estadual (SEMDH, 2019).

No entanto, de acordo com o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2022, 1.327.802 pessoas responderam que se autoidentificam como pessoa Quilombola³. Na Região Nordeste foram identificadas como pessoas Quilombolas um total de 905.415 pessoas, desses 16.584 residem no estado da Paraíba (IBGE, 2023).

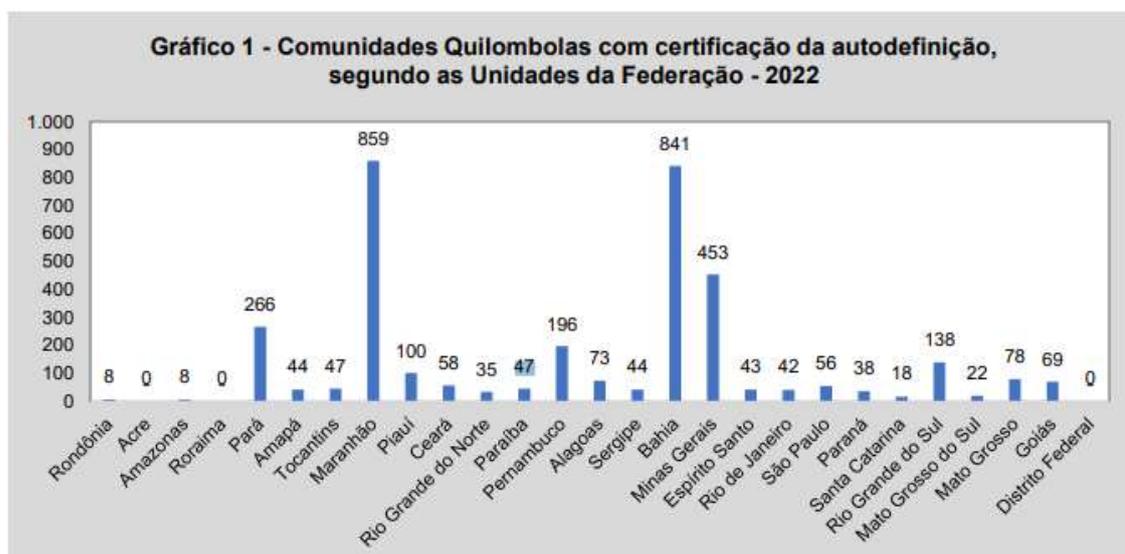
Vale destacar que esse foi o primeiro Censo brasileiro em que se procurou identificar enquanto grupo étnico a população Quilombola do país.

Para tal, o Censo Demográfico 2022 fez um recorte para abordar as características desse contingente populacional, ao inserir nos questionários, com metodologia adaptada, as perguntas Você se considera quilombola? e Qual o nome da sua comunidade? (IBGE, 2023).

Em dados mais atualizados pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 04 de julho de 2023, sabe-se que na Paraíba existem ao todo 47 Comunidades Quilombolas certificadas (FCP, 2022; IBGE, 2023).

³ Entenderam como pessoa Quilombola, a pessoa residente em localidades quilombolas que se declarou quilombola.

Figura 1 - Gráfico com total de Comunidades Quilombolas Certificadas no Brasil



Fonte: (FCP, 2022 *apud* IBGE, 2023).

Essas comunidades estão localizadas em diversos municípios do estado da Paraíba (Figura 2), sendo a sua maioria em cidades do interior e em regiões afastadas do centro urbano.

No 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20/11/2003, reserva à Fundação Cultural Palmares (FCP) a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral” (FCP, 2022).

As Comunidades Quilombolas certificadas no Estado da Paraíba são: Serra do Talhado - rural, Matão, Engenho do Bonfim, Pedra D’água, Pitombeira, Caiana dos Crioulos, Serra do Talhado – Urbaba, Mituaçu, Vinhas, Grilo, Umburaninha, Contendas, Santa Tereza, Mãe D’água, Comunidade Negra de Barreiras, Lagoa rasa, Sítio Matias, Paratibe, Gurugi, Ipiranga, Curralinho/Jatobá, São Pedro dos Miguéis, Sítio Livramento, Cruz da menina, Domingos Ferreira, Areia de Verão, Vila Teimosa e Sussuarana, Serra feia, Barra de Oitis, Engenho Mundo novo, Fonseca, Sítio Vaca morta, Serra do Abreu, Daniel, Rufinos do Sítio São João, Aracati, Chã I e II, Terra nova, Cacimba nova, Os Barbosas, Santa Rosa, Sítio cantinho, 40 negros, Roça velha/Rua preta, Ligeiro de baixo, Sítio Lagoinha, conforme pode ser visualizado no quadro 1 e na figura 1.

Quadro 1 – Mapeamento das Comunidades Quilombolas da PB

Município	Comunidade	Características/informações
Alagoa Grande	Caiana dos Crioulos	Localizada a 117km de João Pessoa. Foi certificada pela FCP em 08 de junho de 2005 e é composta por 140 famílias.
Areia (Paraíba)	Engenho do Bonfim	Localizada a 122km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 25 de maio de 2005.
	Engenho Mundo Novo	Localizada a 122km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 19 de novembro de 2009 e é composta por 37 famílias.
Boa Vista	Santa Rosa	Certificada pela FCP em 19 de dezembro de 2018 e é composta por 19 famílias.
Cacimbas	Serra Feia	Certificada pela FCP em 05 de maio de 2009 é composta por aproximadamente 220 famílias.
	Aracati (Chã I e II)	Comunidade localizada a 295 km de João Pessoa. Foi certificada pela FCP em 21 de outubro de 2013. Possui aproximadamente 30 famílias.
Cajazeirinhas	Umburaninha	Certificada pela FCP em 07 de junho de 2006.
	Vinhas	Certificada pela FCP em 20 de janeiro de 2006.
Camalaú	Roça Velha/Rua Preta	Certificada pela FCP em 01 de abril de 2021.
Catolé do Rocha	Lagoa Rasa	Certificada pela FCP em 28 de julho de 2006.
	Jatobá/Curralinho	Localizada a 425km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 13 de dezembro de 2006 e é composta por 50 famílias.
	São Pedro dos Miguéis	Certificada pela FCP em 13 de dezembro de 2006.
Conde (Paraíba)	Guruji	Localizada a 22km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 28 de julho de 2006 e é composta por 253 famílias.
	Ipiranga	Localizada a 22km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 12 de maio de 2006 e é composta por 50 famílias.
	Mituaçu	Certificada pela FCP em 19 de agosto de 2005 e é composta por 400 famílias.

Coremas	Mãe D'água	Certificada pela FCP em 07 de junho de 2006.
	Santa Tereza	Certificada pela FCP em 07 de junho de 2006.
	Comunidade Negra de Barreiras	Certificada pela FCP em 07 de junho de 2006.
Diamante (Paraíba)	Sítio Vaca Morta	Localizada a 440km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 24 de março de 2010 e é composta por 48 famílias.
	Barra de Oitis	Localizada a 435km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 19 de novembro de 2009 e é composta por 150 famílias.
Dona Inês	Cruz da Menina	Localizada a 140km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 10 de abril de 2008 e é composta por 50 famílias.
Gurinhém	Matão	Certificada pela FCP em 25 de maio de 2005 e é composta por 28 famílias.
Ingá (Paraíba)	Pedra D'água	Localizada a 110km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 25 de maio de 2005 e é composta por 98 famílias.
João Pessoa	Paratibe	Certificada pela FCP em 28 de julho de 2006 e é composta por 114 famílias.
Livramento (Paraíba)	Sussuarana	As Comunidades Quilombolas Areia de verão, Sussuarana e Vila Teimosa ficam localizadas a 268km de João Pessoa. Foram certificadas pela FCP em 09 de dezembro de 2008. A comunidade Areia de Verão é composta por aproximadamente 10 famílias; Sussuarana por 25 famílias e Vila Teimosa por 15 famílias.
	Areias de Verão	
	Vila Teimosa	
Manaíra	Fonseca	Localizada a 480km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 19 de novembro de 2009 e é composta por 30 famílias.
Nova Palmeira	Serra do Abreu	Certificada pela FCP em 04 de novembro de 2011.
Pombal (Paraíba)	Comunidade dos Daniel	Certificada pela FCP em 17 de junho de 2011.
	Rufinos do Sítio São João	Certificada pela FCP em 17 de junho de 2011 e é composta por 86 famílias.
	Os Barbosas	Certificada pela FCP em 23 de novembro de 2018.
Riachão do Bacamarte	Grilo	Localizada a 97km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 12 de maio de 2006 e é composta por 71 famílias.

Santa Luzia (Paraíba)	Serra do Talhado-Urbano	Certificada pela FCP em 04 de junho de 2004.
	Serra do Talhado - Rural	
São Bento (Paraíba)	Contendas	Localizada a 412km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 07 de junho de 2006 e é composta por 38 famílias.
	Terra Nova	Certificada pela FCP em 20 de maio de 2016.
São João do Tigre	Cacimba nova	Certificada pela FCP em 21 de novembro de 2017 e é composta por 87 famílias.
São José de Princesa	Sítio Livramento	Localizada a 445km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 02 de março de 2007.
Serra Redonda	Sítio Matias	Certificada pela FCP em 28 de julho de 2006.
Serra Branca	Sítio Cantinho	Certificada pela FCP em 31 de dezembro de 2019 e é composta por aproximadamente 22 famílias.
	Ligeiro de baixo	Certificada pela FCP em 01 de abril de 2021.
	Sítio Lagoinha	Certificada pela FCP em 15 de junho de 2021.
Tavares (Paraíba)	Domingos Ferreira	Localizada a 392km de João Pessoa, foi certificada pela FCP em 04 de agosto de 2008 e é composta por 38 famílias.
Triunfo (Paraíba)	Quarenta negros	Certificada pela FCP em 29 de outubro de 2020 e é composta por 59 famílias.
Várzea (Paraíba)	Pitombeira	Certificada pela FCP em 08 de junho de 2005 e é composta por 69 famílias.

Fonte: Dados da pesquisa (2022); Comissão Pró-índio de São Paulo (2022); Paraíba Criativa (2022); Adaptado de Fundação Cultural Palmares (atualizado em dezembro de 2022).

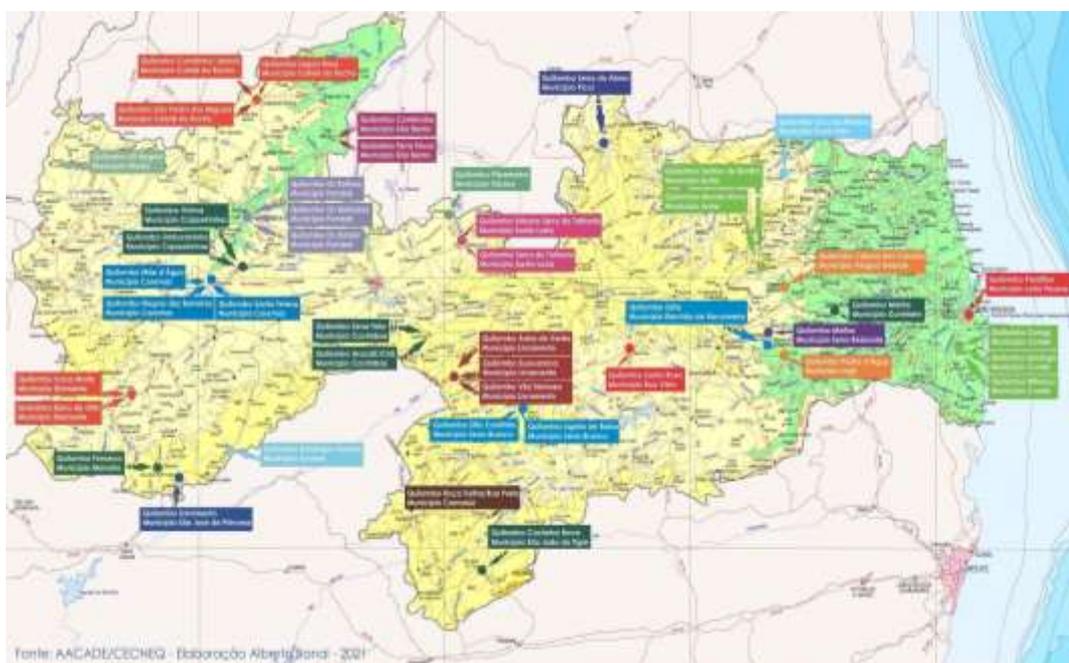
Vale ressaltar que embora muitas dessas Comunidades só tenham sido certificadas/reconhecidas a partir de 2004, muitas delas já existiam há centenas de anos. É o caso da Comunidade Quilombola de Paratibe que existe há mais de 200 anos e só foi certificada pela FCP no ano de 2006. A Comunidade Paratibe fica localizada no Bairro de Valentina Figueiredo no Município de João Pessoa, capital paraibana (Tavares, 2019).

Pode-se dizer que este é o caso da Comunidade Quilombola Rufinos, que vem resistindo desde o período colonial, toma-se como referência a pesquisa de Santos (2023).

Vale salientar ainda que faz parte do Plano Estadual de Promoção da Igualdade racial da SEMDH realizar o Censo de 100% dos povos e comunidades tradicionais da Paraíba no período de 2020 a 2023, com atualização prevista para 2024 a 2030. Sobre esse Censo, faz-se saber que fora solicitado informações sobre os Povos e Comunidades Tradicionais do Estado da Paraíba, mas até o momento não obtivemos retorno.

As Comunidades Quilombolas estão espalhadas por todo território paraibano (rural e urbano), sendo a maioria delas localizadas, em locais mais distantes do grande centro urbano da capital, como podemos observar no mapa dos quilombos da Paraíba, na Figura 2.

Figura 2- Mapa das Comunidades Quilombolas na Paraíba



Fonte: Adaptado de Quilombos da Paraíba (2022).

Para realização desta pesquisa, relembra-se que a rede social analisada foi a da Comunidade Quilombola Rufinos (@quilombolarufinospombal) devido aos critérios já mencionados no capítulo

2, dessa forma, buscou-se realizar uma breve contextualização da Comunidade ora abordada.

3.3.2 Comunidade Quilombola Rufinos “Os Rufino”

A Comunidade Quilombola Rufinos ou Quilombo “Os Rufino” como também são conhecidos, está localizada no município de Pombal no médio sertão da Paraíba, precisamente no Sítio São João.

A Comunidade Quilombola “Os Rufinos” está registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 013, Registro n. 1.516, fl. 132. Os quilombolas são reconhecidos pelo Governo Federal e tem uma associação chamada “Os Rufinos”. Os mesmos ainda resguardam sua memória e mantêm viva suas tradições através de apresentações de dança e música (Paraíba Criativa, [2020]).

A Comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 14 de junho de 2011, mesmo sendo uma Comunidade de costumes e tradições seculares. Estima-se que a sua população seja de 177 habitantes distribuídas em 86 famílias (Paraíba Criativa, [2020]; Santos, 2023).

Figura 3 - Certidão de autodefinição expedida pela FCP



Fonte: Santos (2023).

É um quilombo rural que tem sua subsistência a agricultura familiar; em relação aos aspectos culturais e de ancestralidade, é parte integrante e fundamental para o município onde está localizado. As tradições culturais do quilombo giram em torno da dança/música por meio do grupo “Os pontões” e a “Irmandade do Rosário”, da tradição do artesanato de barro e do tijolo de barro (cerâmica) que é produzido com o próprio barro que é encontrado nas terras do Sítio São João onde residem e da religiosidade, sua devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Como pode ser evidenciado na pesquisa de Santos (2023, p. 78),

O grupo [Os Pontões] é um elemento de preservação de uma tradição iniciada ainda no período colonial, em que os Rufinos estão presentes até os dias de hoje e que incentivam as novas gerações a manterem um elemento tão importante de seu povo. A rica cultura presente na comunidade desdobra-se também por meio da arte, com o artesanato em barro, um elemento conhecido nacionalmente, um saber passado intergeracionalmente e que perdura até hoje.

Essa relevância história e cultural pode ser evidenciada ainda na pesquisa de Rufino (2018),

A comunidade quilombola “Os Rufinos” é um berço cultural no município de Pombal-PB, pois vários membros da família tem uma história, identificação junto aos grupos tradicionais folclóricos da cidade, como “Os Pontões” e “A Irmandade do Rosário”. O grupo religioso também denominado como a Confraria dos Negros do Rosário, a mesma foi criada no século XIX na época do Brasil colonial, tendo como objetivo a organização dos negros devotos de Nossa Senhora do Rosário, levantar recursos por meio da organização em grupo, a Irmandade do Rosário para comprar alforrias de escravos no período escravista e também realizar um enterro digno aos irmãos negros da Confraria (Rufino, 2018, p. 33).

Quanto aos aspectos históricos da comunidade muita coisa já se perdeu nas últimas 7 gerações, muito dos fatos, acontecimentos foram enterrados juntos como os Rufinos mais antigos, pois a tradição oral ainda é muito forte na transmissão dos valores, costumes e tradições da Comunidade.

[...] a identidade desse povo é transmitida através da oralidade para as gerações mais novas, que transmitem os saberes resguardados na memória histórica e coletiva desde povo, propiciando o zelo, o cuidado pela conservação dos costumes, tradições e valorização da sua cultura (Rufino, 2020 *apud* Santos, 2023, p. 83).

Em relação história de formação da Comunidade, o que se sabe é por meio dos relatos de Manoel Silva Santos à pesquisa de Santos (2023, p. 79) onde,

Segundo alguns relatos da história contada por Manoel, em uma visita a sua residência, contou um pouco da história de seus bisavôs, e de como eles chegaram para habitar as terras do Sítio São João. A história dos Rufinos se inicia com a chegada de Antônio Rufino de Jesus e sua esposa Joaquina Maria da Conceição em terras pombalenses. Não se sabe ao certo o ano, mas o que foi mantido nos relatos, não só de Manoel, mas também de outros membros mais antigos, é que os dois foram escravos, vindo de um sítio chamado Várzea de Dentro, que não se sabe ao certo onde se localizava.

Nesse sentido, a autora pontua ainda que não se sabe se a origem dos Rufinos foi por conta de refúgio ou de migração de outros quilombos.

A Comunidade tem um histórico de resistência e sobrevivência, como o seu próprio lema explana “Somos a resistência”. Alguns problemas enfrentados pelas primeiras gerações persistem até hoje, como é o caso dos períodos de seca. No entanto, muito se alcançou, principalmente após a Certificação e políticas voltadas a esses povos, como por exemplo, a modernização na agricultura, as políticas de habitação que permitiu que as moradias de taipa fossem substituídas pelas de alvenaria e tantas outras.

Observamos que a comunidade vêm se reinventando todos os dias para garantir sua sobrevivência, várias práticas fazem parte de sua história e de seu cotidiano, como a criação de animais em pequenas quantidades, o cultivo das raízes próprias da terra para o cuidado com os seus membros, através de chás e lambedores, a própria busca por oportunidades fora da comunidade, seja na cidade ou em outros sítios, configuram formas de preservar sua existência pois muitos mesmo não residindo nessas terras mantém vivo o vínculo com seu território de origem (Santos, 2023, p. 80).

Além desses esforços, outras ações em prol da sobrevivência e preservação dessa cultura, têm sido realizadas com a integração e participação de toda comunidade, “[...]foram formados um grupo de jovens trancistas, por meio de minicursos realizados na própria comunidade[...]” (Santos, 2023, p. 88).

O que se percebe por meio das pesquisas de Santos (2023) e Rufino (2018) é que a Comunidade Quilombola Rufinos detém um papel de grande importância no contexto histórico regional e que por isso tem buscado incentivar cada vez mais cedo a continuidade de alguns dos costumes e tradições para as gerações mais novas.

Os próprios “Rufino” tem entendimento e reconhecimento da importância histórica e cultural que possuem. Nesse sentido, procuram sempre reinventar-se devido ao contexto da atualidade que muitas vezes exige essa reinvenção. Um desses pontos de reinvenção que podemos mencionar é o objeto de estudo deste trabalho, o perfil no Instagram @quilomborufinospombal que busca dar visibilidade e valorização a essa cultura e quem sabe até uma forma de preservação dessa ancestralidade e cultura para as gerações mais jovens.

4“SOMOS A RESISTÊNCIA” - MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO INSTAGRAM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RUFINOS

A Comunidade Quilombola Rufinos há anos vem sobrevivendo e resistindo a um histórico de lutas contra a pobreza e dificuldades. Além desses fatores, vem resistindo também ao cenário imposto pela globalização e pelas TICs/TDICs que modificaram e modificam diariamente nossos modos de realizar nossas atividades, desde as mais simplórias às mais complexas.

Vale ressaltar que essa propagação, a velocidade e incentivo com que essas Tecnologias foram impregnadas na sociedade, é uma característica do que conhecemos como Sociedade da informação. O advento da Sociedade da Informação tornou-se o fundamento de novas formas de organização e de produção em escala mundial, redefinindo a inserção dos países na sociedade internacional e no sistema econômico mundial (Takahashi, 2000).

De forma resumida, podemos dizer que a maior característica da Sociedade da informação é a propagação, aceleração e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos mais variados setores para o desenvolvimento da(s) Sociedade(s).

No entanto, como promover essa “Universalização” em um mundo tão cheio de diferenças culturais, sociais e principalmente econômicas? Como pensar a Comunidade Quilombola Rufinos e tantas outras que possuem problemas considerados “básicos” de sobrevivência; que muitas das vezes encontram-se em locais mais distantes do centro urbano e não possuem as ferramentas e meios adequados para integrar nessa “Sociedade da informação”? O quanto isso é possível e o quanto isso é prejudicial no caso de não se integrarem? Não é intuito deste trabalho responder à esses questionamentos, mas fica registrada a reflexão.

No Brasil, pode-se verificar um avanço e um grande impulso em relação ao acesso à internet, Takahashi (2000) cita algumas áreas que vieram se beneficiando: a comunidade científica, nas telecomunicações e nas atividades comerciais.

De forma geral, Takahashi e colaboradores do livro verde (2000, grifo próprio) explicam que a entre as propostas da “Sociedade da informação” estavam:

- a construção de uma sociedade mais justa, em que sejam observados princípios e metas relativos à **preservação de nossa identidade cultural**, fundada na riqueza da diversidade;
- a sustentabilidade de um padrão de desenvolvimento que respeite as diferenças e busque o equilíbrio regional;
- a efetiva participação social, sustentáculo da democracia política.

Como previsto, muitas oportunidades e setores melhorariam ao longo dos últimos anos, como foi citado por Takahashi (2000, grifo próprio): o comércio eletrônico, surgimento de Pequenas e Médias empresas, Inovação e Capital intelectual no empreendedorismo, mais oportunidade de trabalhos, Educação e aprendizado ao longo da vida, universalização do acesso, **valorização de conteúdos e identidade cultural**, Administração transparente centrada no cidadão, pesquisa e desenvolvimento, desenvolvimento sustentável, entre outros.

Não é possível mensurar o tanto que atingimos as características desta Sociedade, no entanto podemos observar que ainda de forma não igualitária/isonômica, muitos foram os avanços em relação à conectividade, ao acesso às informações e tantos outros benefícios que o aceleração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) vêm proporcionando ao longo dos anos.

No âmbito das Comunidades Quilombolas da Paraíba, observa-se a integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em suas rotinas. Essa integração manifesta-se através da presença em plataformas digitais, como blogs, Facebook e Instagram. Estas plataformas são utilizadas com múltiplos propósitos: promover e valorizar suas tradições, costumes e ancestralidade, fortalecendo sua identidade cultural; preservar esses elementos culturais, assegurando a continuidade ou adaptação de sua identidade; e divulgar produtos e serviços oriundos dessas comunidades.

Até a realização desta pesquisa, identificou-se que das 47 Comunidades Quilombolas da Paraíba, 26 já possuem e fazem uso de alguma rede social digital, a saber: Caiana dos Crioulos, Engenho do Bonfim, Engenho Mundo Novo, Santa Rosa, Serra Feia, Lagoa Rasa, Jatobá/Currálinho, Mituaçu, Santa Tereza, Barra de Oitis, Cruz da menina, Paratibe, Sussuarana, Serra do Abreu, Comunidade dos Daniel, Rufinos do Sítio São João, Os Barbosas, Serra do Talhado - Urbano, Contendas, Cacimba Nova, Sítio Livramento, Sítio Cantinho, Sítio Lagoinha e Pitombeira, dentre os quais destaca-se a rede social da Comunidade Quilombola Rufinos (@quilomborufinospombal).

Nesse ínterim, onde essas comunidades mencionadas já fazem uso de alguma TDIC, ao mesmo tempo que se pensa e se reflete que elas conseguem estar conectadas, fazem utilização para um determinado fim, pensa-se em o quanto essa utilização tem sido benéfica para essas comunidades, ao mesmo tempo em que se pondera sobre o possível prejuízo das outras 21 comunidades que não participam dessa rede de conexões.

Considerando que as demais comunidades têm acesso à internet e a ferramentas de conexão, mas ainda optam por não utilizar Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), presume-se que diversos motivos possam estar envolvidos. Isso inclui a falta de conhecimento para utilizar essas tecnologias ou a resistência à modernização, possivelmente devido aos potenciais malefícios que podem surgir, especialmente se as tecnologias não forem bem empregadas.

A Sociedade da informação não trouxe apenas benefícios, pode-se perceber que muitas problemáticas surgiram no entorno de toda disponibilização e acesso às TICs. Na verdade, um dos problemas que podemos citar como exemplo, é a própria falta desta disponibilização e acesso às TICs por parte de determinados grupos, comunidades e sociedades menos desenvolvidas.

No cenário pandêmico, ficou evidente, de certo modo, uma exclusão digital, bem como uma aproximação dessas comunidades às TIC. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em 2021 pela Revista Exame,

No último trimestre antes que a pandemia de covid-19 se agravasse no Brasil, 12,646 milhões de famílias ainda não tinham acesso à internet em casa. Cerca de 39,8 milhões de brasileiros de 10 anos ou mais de idade não usavam a rede, e ainda havia 34 9 milhões de pessoas nessa faixa etária sem aparelho de telefone celular (IBGE [...], 2021).

Ficando evidente que esse acesso às TICs não se dá de forma universal e igualitária a todas as pessoas. Além, da exclusão digital, podemos citar ainda problemas éticos e legais no âmbito da internet, a falta de competência informacional o que muitas vezes ocasiona a má utilização das TICs, as fake news, a propagação do ódio nos ambientes virtuais, etc.

Frente ao exposto, apresenta-se aqui uma análise do conteúdo abordado no perfil @quilomborufinospombal da Comunidade Quilombola Rufinos “Os Rufino”. Ressalta-se que esses conteúdos foram analisados principalmente quanto às tradições e costumes que caracterizam a sua ancestralidade, em suma, os referenciais de memória e identidade cultural da referida Comunidade, no perfil mencionado.

O perfil analisado foi criado pela Associação Quilombola Rufinos em 13 de outubro de 2019, data da primeira postagem na rede social. O perfil é administrado pela Associação e possui atualmente 2.197 seguidores e realizou **652** postagens de vários tipos: *feed* (postagem fixa), reels (Vídeos), etc, e os stories que estão organizados nos destaques.

Em sua “Bio” local onde é possível fazer uma breve apresentação daquele perfil, contém informações a respeito a quem pertence o perfil, o local onde está localizada o Quilombo Rufinos, um link que direciona para um whatsapp e o lema “Somos a Resistência” - Orgulho de ser Rufino!, como pode ser observado na figura 4.

Figura 4 - Tela inicial do perfil @quilomborufinospombal



Fonte: @quilomborufinospombal (2023).

Ressalta-se que foram analisadas as postagens realizadas até o dia 17 de agosto de 2023, as **652** postagens ora mencionadas. A análise foi realizada com uma abordagem qualitativa e interpretativa, tendo como base a análise de conteúdo temática de Minayo (2007).

Destaca-se que dentro do próprio perfil, os administradores organizaram algumas das postagens em algumas categorias como: Eventos, Rota turística, Entrevistas, Redes Sociais, Acervo de fotos, Lives, Localização, Quilombo Rufinos, E-mail, Reuniões e Visitas.

Onde explica-se que, no destaque Eventos, o usuário visitante irá encontrar postagens relacionadas a eventos que representantes da Comunidade participam ou fazem apresentações culturais. No destaque Rota turística, é apresentado o Quilombo como um destino turístico, como um local em que o visitante irá se deparar com a beleza natural do Sítio, ter acesso a oficina de artesanato de barro, etc; Nas entrevistas, encontra-se reportagens que foram realizadas no ou sobre o Quilombo Rufinos, ou com moradores/representantes daquela Comunidade.

Outro destaque que merece explicação é o das “Visitas”, no qual organizam algumas das visitas que receberam no Quilombo, como de autoridades, palestrantes, dirigentes do SEBRAE, políticos, etc. E o destaque “Reuniões” onde tanto no destaque como nas próprias postagens fixas é possível encontrar vários registros de reuniões organizadas pela Associação Quilombola Rufinos. Nessas reuniões são tratados assuntos de interesse da Comunidades, pautas sociais, melhorias, etc.

Faz-se necessário pontuar que o registro e divulgação dessas reuniões demonstra um senso de organização e atuação política da Comunidade - A Associação atuando enquanto ator político na busca e luta por seus direitos. Fator esse, de grande importância para as conquistas do Quilombo.

Figura 5 - Registros de reuniões da Associação Quilombola Rufinos



Fonte: @quilomborufinospombal (2022; 2023).

As demais categorias por eles organizadas como destaque são autoexplicativas sobre o que o usuário irá encontrar em cada um.

Em relação às categorias observadas e determinadas, após a análise das postagens, tornou-se necessário estabelecer outros tipos de categorias para uma melhor adaptação. Dessa forma, as categorias foram definidas como: Tradições, Religiosidade, Celebrações, Personalidades e Medicina Natural, as quais serão desenvolvidas nos tópicos a seguir.

4.1 Tradições

“[...] A tradição se remete a um passado atualizado no presente” (Candau, 2012, p. 122). Segundo Hervieu-Léger citada por Candau (2012) a tradição é,

um universo de significações coletivas no qual as experiências cotidianas que inscrevem os indivíduos e os grupos no caos são reportadas a uma ordem imutável, necessária e preexistente aos indivíduos e aos grupos". O que define principalmente a tradição, acrescenta a autora, "é que ela confere ao passado uma autoridade transcendente".

Candau (2012) explica ainda que ela deve ser autêntica, ter força de possibilitar aos sujeitos de um grupo o “sentimento de compartilhamento de sua própria perpetuação enquanto tal - de sua autoridade, aquela de uma transmissão efetiva e aceita” (Candau, 2012, p. 121).

Os Rufinos resguardam os valores, cultura, além dos próprios modos de existir do continente africano, mas, reatualizando mediante o que foi se perdendo ou diante daquilo que foi-se incorporando na sociedade da qual passaram a fazer parte. Essa preservação ocorre através da memória coletiva resguardada pelas comunidades brasileiras, que transmitem esses saberes através da oralidade para suas novas gerações e assim é possível manter essas tradições (Santos, 2023, p. 77).

Fazem parte das tradições seculares da Comunidade Quilombola os Rufinos: o grupo de Dança “Os Pontões”, a Ciranda de roda, a Capoeira, o artesanato e tijolo de barro (cerâmica). Além dessas, podemos destacar ainda

a tradição do pífano que vem sendo implementada na Comunidade e das tranças e penteados Afro que tem sido resgatado através de oficinas realizadas no quilombo, como pode ser observado nas postagens do perfil no Instagram, figura 6.

Figura 6 - Postagens sobre oficinas de penteados Afro e Pífano



Fonte: @quilomborufinospombal (2022; 2023).

A informação sobre o resgate dessa tradição na Comunidade foi possível devido a análise às postagens, onde falam um pouco sobre a proposta da oficina. No entanto, faz-se necessário dizer que as informações disponibilizadas sobre essa tradição nas postagens é insuficiente para que o usuário conheça um pouco mais sobre ela. As postagens enfatizam mais a divulgação da oficina e pouco na tradição.

Vale ressaltar que as tranças tinham um papel importantíssimo na sobrevivência das pessoas escravizadas.

As tranças acabam tendo um papel muito importante na resistência negra contra a escravidão. Muitas vezes o cabelo era trançado como um mapa com caminhos para os quilombos, assim como sementes para serem plantadas eram tranças junto do cabelo para serem levadas aos quilombos.

Dessa forma, a trança acaba tendo um papel importante tanto para a resistência e sobrevivência das nossas negritudes, quanto da nossa gente (Cardoso, 2021 *apud* UFPEL, 2021).

Destaca-se que as tranças continuam tendo um papel importantíssimo na sobrevivência do quilombo também nos dias atuais, porém, em relação ao aspecto financeiro-econômico. Algo que ficou perceptível, é que a comunidade tem procurado resgatar e fortalecer suas tradições, visando também no aspecto de renda. Além desse fator econômico, as tranças representam a força e resistência das pessoas negras contra o racismo estrutural.

Outra tradição resgatada mais recentemente foi o grupo de Ciranda de roda, sobre o qual o perfil apresenta em algumas postagens fixas, como podemos observar na figura 7.

Figura 7 - Postagens de divulgação da Ciranda de roda



Fonte: @quilomborufinospombal (2022; 2021).

Tradicionalmente as rodas de ciranda nasciam das mulheres de pescadores que cantavam e dançavam à espera de que seus maridos

retornassem do mar. Trata-se de uma dança comunitária que constitui-se de um círculo que vai aumentando na medida em que outras pessoas vão entrando na roda (FCP, 2023).

O grupo de Ciranda dos Rufino é constituído apenas por mulheres, a tradição veio sendo resgatada e fortalecida com o passar dos anos através de oficinas realizadas pelo próprio quilombo e de apresentações realizadas em eventos, como por exemplo, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira do município de Pombal.

A capoeira é uma tradição bastante divulgada por meio do perfil do quilombo. Através das postagens analisadas, verifica-se que assim como as outras tradições já mencionadas, são fortalecidas e disseminadas por meio das oficinas e apresentações culturais em eventos. Mas da mesma forma, sentiu-se a ausência de mais informações sobre a capoeira no contexto local do quilombo.

Figura 8 - Postagens sobre a Capoeira no Quilombo Rufinos



Fonte: @quilomborufinospombal (2021; 2020).

Sabe-se que,

A Capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. Os principais aspectos da capoeira, como prática cultural desenvolvida no Brasil, são o saber transmitido pelos mestres, como reconhecidos por seus pares, e a roda, onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno (FCP, 2023).

Envolve dança, arte marcial, religiosidade e música. No período do escravismo, a capoeira era uma forma de autodefesa e resistência à violência e perseguição sofrida pelos então “senhores”.

As últimas duas tradições aqui mencionadas, são as que contém mais postagens no perfil: a do grupo “Os Pontões” e do artesanato de barro.

O grupo “Os Pontões” da Comunidade Quilombola Rufinos é uma tradição secular que fala muito de como surgiu o quilombo. Atualmente é formado por homens quilombolas Rufinos, Barbosas e Daniel. Estão sempre se apresentando em eventos externos e internos, organizados pela própria comunidade. O nome do grupo “Os Pontões” refere-se ao nome da dança “espontão”.

O significado principal do rito da dança dos espontões reside em um louvor coletivo dos pretos à sua padroeira, Nossa Senhora do Rosário. Os membros que dançam os espontões o fazem para honrar a proteção obtida de Nossa Senhora do Rosário, quando os fiéis venceram a batalha contra os muçulmanos no século XII, durante as Cruzadas (Simão, 2010; Araújo, 2014 *apud* Farias, 2019, p. 121).

O grupo “Os Pontões” se popularizou e conseqüentemente popularizou também a causa quilombola. Por meio da dança, a comunidade pode se conectar diretamente com o seu passado no intuito de modificar o presente. O seu palco principal é a Festa de Nossa Senhora do Rosário, onde se apresentam todos os anos (Farias, 2019).

Figura 9 - Postagens sobre o grupo “Os pontões”



Fonte: @quilomborufinospombal (2019; 2022).

O grupo tem grande relevância para a identidade cultural e ancestralidade da Comunidade e um valor histórico e cultural muito importante para o município de Pombal, tanto que recebeu o título de patrimônio cultural e imaterial do estado da Paraíba.

Figura 10 - Postagem do Título de Patrimônio cultural e imaterial da Paraíba



Fonte: @quilomborufinospombal (2021).

Apesar do grande número de postagens que abordam como tema central o grupo “Os Pontões” não tem como extrair mais informações destas, pois assim como as outras postagens, tem o objetivo de divulgar e informar o visitante/seguidor sobre aquele fato e não sobre a tradição em si.

O artesanato de barro é outra tradição que tem grande destaque no perfil, possui um grande número de postagens onde divulga diversos produtos feitos com o barro (pratos, copos, cacimbas, etc).

Na comunidade quilombola Os Rufinos, o trabalho com barro é secular, passou de geração em geração como um saber usado para a produção de utensílios de uso das famílias e troca de mercadorias. Foi apenas em 2008 que a geração atual identificou o potencial econômico dessa atividade e formaram um grupo de artesanato. Junto à formação da Associação, também houve um resgate da história dos seus ancestrais e a busca pela consolidação de seus direitos como povo quilombola (Artesol, 2020).

Sobre essa tradição pôde-se extrair algumas informações a respeito de sua história em algumas postagens sobre personalidades do quilombo. Sobre ela pode-se dizer que as peças do artesanato são produzidas numa oficina chama “Casa do Barro Dona Edith” em homenagem a uma das netas das precursoras da tradição, neta de Mãe Quina.

Figura 11 - Postagens sobre o artesanato de barro



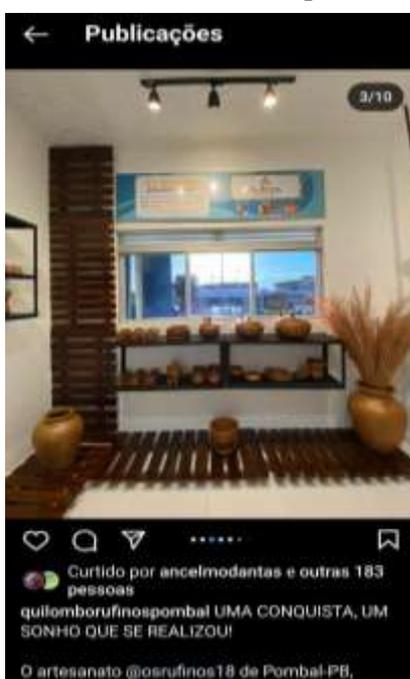
Fonte: @quilomborufinospombal (2020; 2022).

Por meio das postagens foi possível identificar que a Prefeitura de Pombal cedeu por 20 anos um box para que o quilombo possa comercializar

as peças de barro. Essa cessão se dá devido a importância e visibilidade que essa tradição vem adquirindo. A procura pelas peças é tão grande que foi criado um perfil próprio no Instagram (@osrufinos18) que divulgam as peças.

A parceria entre o quilombo e a Prefeitura não apenas fortalece a tradição local, mas também promove o desenvolvimento econômico da comunidade. O Instagram se tornou uma ferramenta valiosa para ampliar a divulgação das peças, alcançando um público mais amplo e conectando os artesãos diretamente aos interessados.

Figura 12 - Postagem sobre o Box cedido pela Prefeitura de Pombal-PB



Fonte: @quilomborufinospombal (2022).

Vale destacar que o barro utilizado para a fabricação das peças é retirado do próprio Sítio onde está localizada a Comunidade.

É na “Casa de Barro Dona Edith”, oficina de confecção das peças, onde são realizadas as etapas de tratamento da argila, coletada nas “veias de barro” do próprio território: a mistura com a areia que retiram de uma pedra arenosa; o molde manual das peças, secagem, lixamento e o polimento com pedra seixo e óleo vegetal, que garante o brilho surpreendente das peças. As queimas são feitas em fornos artesanais de alta temperatura, e todo processo pode chegar a 20 dias (Artesol, 2020).

No perfil do quilombo não há nenhuma postagem a respeito, mas além das peças de artesanato, também é realizada a produção do tijolo de barro. Fato interessante que aconteceu é que quando a Igreja de Nossa Senhora do Rosário precisou passar por uma reforma, devido a Igreja ser tombada como Patrimônio Cultural só pode receber materiais que se assemelhem aos utilizados na época. Dessa forma, o material que mais se aproximava ao utilizado à época da construção, foi o tijolo de barro produzido com o barro do Sítio São João, onde está localizada a Comunidade. E quem produziu os tijolos foram os próprios moradores do Quilombo.

De todo modo, se levarmos em consideração que o Instagram é um território de construção da memória coletiva, pode-se inferir que mesmo não possuindo tantas informações a respeito das tradições, Ela está sendo compartilhada para criar novas memórias com base nessas tradições divulgadas, da identificação dos seguidores com as postagens e da interação realizada entre as postagens e os seguidores/visitantes, mesmo que muito poucas. Candau (2012, p. 46) explica que “A memorização coletiva é possível, pois o contexto é aquele de uma memória forte enraizada em uma tradição cultural”.

Por fim, Santos (2023) explica que assim como “Os Pontões” têm transmitido sua identidade desde cedo para os mais novos, o artesanato constitui-se como uma outra fonte de tradição, sabedoria e ancestralidade.

4.2 Religiosidade

A história do Quilombo Rufinos está intrinsecamente ligada à narrativa da cidade no município de Pombal, PB, também conhecida como a "Terra de Maringá". Dentro do rico tecido das tradições e cultura local da região, destaca-se a veneração à Nossa Senhora do Rosário, uma festividade que ocupa um lugar especial no coração de muitos quilombolas Rufinos.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é um evento de profundo significado religioso e cultural para a comunidade. A devoção a Nossa Senhora do Rosário transcende o aspecto espiritual, tornando-se uma

expressão viva da identidade e história compartilhada pelos quilombolas Rufinos.

A cidade de Pombal é um berço cultural localizado no alto sertão da Paraíba, uma cidade que possui várias raízes negras. A “Terra de Maringá” realiza umas das maiores festas religiosas da região, a festa de Nossa Senhora do Rosário. É uma tradição secular comemorada todos os anos no mês de outubro com uma semana de celebração. A igreja do Rosário, a mais antiga de Pombal, acolhe a festa de Nossa Senhora e os filhos de Pombal que retornam todos os anos para esse grande momento de tradição, cultura e fé (Santos, 2023, p. 80).

Santos (2023) ainda explana que dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário são realizadas várias apresentações de grupos culturais que são de extrema relevância para a cultura do município, dentre esses grupos podemos citar “Os Pontões” grupo formado em grande parte pelos Quilombolas Rufinos e Barbosas.

“A formação desses grupos em torno da devoção à santa se dá desde o período colonial e também significava uma forma de resistir ao sistema.” (Santos, 2023, p. 81)

Em várias postagens é possível observar que a Comunidade está sempre envolvida com as festividades a Nossa Senhora do Rosário.

Figura 13 - Postagens sobre religiosidade



Fonte: @quilomborufinospombal (2022).

Além dessas postagens, em algumas podemos observar missas celebradas em homenagem ao Quilombo. A presença do catolicismo no Quilombo foi algo que chamou atenção, pois uma das religiões que predominam dentro dos quilombos é o candomblé que historicamente é mal visto/interpretado pela Igreja Católica.

No entanto, acredita-se que devido o Município de Pombal ser um local onde as raízes afro são predominante e estar diretamente ligada às histórias dos quilombolas, que se tenha essa estreita ligação. Ademais, não se pode afirmar com certeza que mesmo tendo a tradição e a estreita relação com a Nossa Senhora do Rosário, que a religião que predomina no Quilombo Rufinos seja o catolicismo.

Porém, ressalta-se que em relação a religiosidade, as postagens no perfil analisado só faz referência ao Catolicismo, por meio de postagens sobre as festividades de Nossa Senhora do Rosário ou participando de missas, etc.

Por fim, enfatiza-se que a religiosidade entrou como uma categoria, pois por meio dela que os Rufinos manifestam sua cultura, tradição e fé e com isso ajudam a preservar, visibilizar e fortalecer ainda mais a sua identidade cultural.

4.3 Celebrações

Na categoria “Celebrações” foi possível observar muitas postagens referente a comemoração de datas comemorativas, como: Dia Internacional da Mulher, Dia das Crianças, natal, como ainda a realização de eventos em alusão ao Dia da Consciência Negra e um evento chamado “Pedal Cultural Quilombo os Rufinos” que já está em sua 2ª versão.

Na categoria "Celebrações", foi possível observar diversas postagens referentes à comemoração de datas especiais, como o Dia Internacional da Mulher, o Dia das Crianças, o Natal, além da realização de eventos em homenagem ao Dia da Consciência Negra. Destaca-se ainda o evento intitulado "Pedal Cultural Quilombo Os Rufinos", que já está em sua 2ª edição.

Essas postagens evidenciam o compromisso e engajamento da comunidade quilombola Rufinos em celebrar não apenas as datas tradicionais, mas também em promover eventos que ressaltam a importância da Consciência Negra que representa um momento significativo para reflexão, reconhecimento e celebração da cultura afro-brasileira, contribuindo para a conscientização sobre a igualdade racial e o combate ao racismo.

Figura 14 - Postagens de celebrações às datas comemorativas



Fonte: @quilomborufinospombal (2022).

Por meio da realização dessas celebrações, eventos, a Comunidade sempre promove palestras com temáticas que abordem a luta, resistência quilombola; oficinas de capacitação e sempre apresentam as suas tradições por meio da dança, da capoeira e do artesanato, reforçando aspectos de sua ancestralidade.

O Pedal é um evento idealizado e organizado pelo Quilombo com o auxílio de vários parceiros. A proposta é que os participantes sigam de bicicleta por uma trilha por dentro do Sítio São João que vai passando por vários ambientes do Quilombo. O Evento tem como objetivo de preservar e divulgar a cultura e as tradições da região. “Uma forma de valorizar a história e a cultura do quilombo, promover a integração entre a comunidade

e incentivar a prática esportiva e o cuidado com o meio ambiente” (@quilomborufinospombal, 2023).

Figura 15 - Postagens sobre o Pedal Cultural



Fonte: @quilomborufinospombal (2023).

Fazem parte da programação: apresentações culturais, exposição de artesanato de barro e atrações musicais.

Além disso, percebeu-se que nos eventos realizados pela Comunidade, eles aproveitam para divulgar os próprios pesquisadores de dentro do Quilombo, a exemplo de Rufino (2018) e Santos (2023) que são quilombolas Rufinos.

4.4 Personalidades

Determinou-se a categoria Personalidades devido a grande quantidade de homenagens a personalidades que se fizeram e se fazem importante para a história e ancestralidade do quilombo. Por meio de algumas das postagens dessas personalidades é possível conhecer o mínimo que seja da história e das tradições do Quilombo.

Figura 16 - Postagens sobre Quilombolas Rufinos



Fonte: @quilomborufinospombal (2023).

Nessas postagens, trazem um pouco da pessoa que está sendo homenageada, características da personalidade ou de história de vida e um pouco de suas contribuições para o quilombo. Como por exemplo a homenagem feita ao Senhor Domingos Severino da Silva, o membro mais antigo do quilombo.

De acordo com Santos (2023, p. 77),

É pela via da tradição oral que se mantem as raízes da cultura e dos povos de origem africana, mesmo após séculos de escravidão, uma cultura secular que não foi apagada pelo sistema e que constitui as identidades e a coletividade das comunidades tradicionais. É o processo de reelaboração a partir dos ensinamentos do velho para o novo o que possibilita a continuação da existência desses povos tão diversos.

Existem muitas outras postagens que fazem homenagens a diversas personalidades que compõem o Quilombo. No entanto, escolheu-se apresentar esses devido serem os membros mais antigos vivos da Comunidade Quilombola Rufinos, que são geralmente os responsáveis pela transmissão aos mais novos das tradições e costumes.

4.5 Medicina natural

Apresenta-se ainda a categoria “Medicina natural”, pois no momento da análise foi possível observar a postagem de uma prática secular dentro dos Quilombos, que é o cultivo e utilização de plantas medicinais como alternativa a medicina tradicional.

Categorizou-se como uma prática, pois não teve-se informação suficiente para saber se essa prática se constitui em uma tradição dentro do Quilombo Rufinos.

Figura 17 - Postagem sobre produtos naturais/medicinais fabricados pelo Quilombo Rufinos



Fonte: @quilomborufinospombal (2023).

Observa-se que mesmo sendo uma prática secular em outros quilombos, pode-se perceber que a Comunidade os Rufinos a traz de uma forma apresentavelmente moderna como é utilizado nos medicamentos produzidos pelas farmacêuticas. Mostrando uma reinvenção, atualização da prática que é tão antiga.

A comunidade parece realizar essa reinvenção e adaptação das tradições de uma maneira que transmite a naturalidade do processo. Esse enfoque moderno pode ser interpretado como uma forma inteligente de integrar práticas tradicionais em contextos contemporâneos, preservando ao mesmo tempo a autenticidade cultural.

Ao adotar uma abordagem moderna, a Comunidade os Rufinos demonstra uma habilidade notável em combinar conhecimentos antigos com as necessidades e avanços da sociedade atual. Essa reinvenção das práticas tradicionais não apenas preserva a herança cultural, mas também mostra a resiliência e a adaptabilidade da comunidade diante das mudanças ao longo do tempo.

Sobre isso, Balandier citado por Candau (2012, p. 124) explica que,

Encontramos, [...] três modalidades do tradicionalismo distinguidas [...]: o "tradicionalismo fundamental", que objetiva a manutenção fiel dos valores; o "pseudotradicionalismo", que é uma tradição remodelada por ocasião de grandes e profundas mudanças, e o "tradicionalismo formal", que se utiliza de formas que foram mantidas, mas cujos conteúdos foram modificados. "Fazer de acordo com a tradição" é tanto respeitá-la sem muitas alterações, como acomodá-la ou mesmo recriá-la.

O contexto no qual a Sociedade encontra-se, de profundas transformações causadas pela Globalização, pelas Tecnologias, algumas vezes, faz-se necessário uma recriação/reinvenção de hábitos, costumes e até mesmo de tradições seculares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No longo caminho percorrido, de idas e vindas, enfrentando várias encruzilhadas e passando por várias trilhas, de observação, criticidade, foi que chegou-se até aqui nessas reflexões e comentários remanescentes.

Em relação aos objetivos específicos, foi possível e identificar os Povos e Comunidades Tradicionais no Estado da Paraíba, bem como, identificar e mapear as comunidades quilombolas do estado, o que auxiliou consideravelmente nas etapas posteriores da pesquisa, como por exemplo, na tomada de decisão em relação quais critérios estabelecer para escolher o objeto de estudo.

Ressalta-se que muito embora a proposta era realizar a análise por meio das postagens do perfil do Instagram, em alguns momentos sentiu-se a necessidade de buscar informações complementares para poder compreender melhor o contexto e relevância daquela(s) postagem(s).

Através da análise do perfil verificou-se que as postagens do perfil do Instagram se configuram como uma forma das pessoas conhecerem um pouco mais sobre a identidade e cultura da Comunidade Quilombola Rufinos, se tornando uma excelente ferramenta de visibilidade social.

Além disso, observou-se as contribuições que os saberes e fazeres tradicionais têm para a Comunidades, seja na sobrevivência e resistência de suas raízes, seja na sobrevivência financeira. Percebe-se por meio das postagens que o resgate de antigas tradições do quilombo além de ser uma forma de reacender o interesse das novas gerações, tornou-se uma fonte de renda.

É interessante enfatizar que a utilização de oficinas de capacitação no resgate ou fortalecimento de alguma tradição, se constitui como uma forma interessante para realizar a transmissão dessas tradições. Como último objetivo alcançado, ressalta-se que após a análise conseguiu-se estabelecer as categorias principais encontradas no perfil do Instagram da comunidade, em relação à temática abordada.

Quanto aos procedimentos metodológicos, destaca-se que durante o levantamento bibliográfico observou-se pouca utilização dos termos povos e comunidades tradicionais nos trabalhos e pesquisas da área da Ciência da Informação. Como ainda, poucos trabalhos que abordem a questão da preservação da identidade cultural das Comunidades Quilombolas no estado da Paraíba. Em relação ao objeto de estudo, ressalta-se que os poucos estudos realizados, em grande parte foram desenvolvidos por quilombolas Rufinos a exemplo de Santos (2023) e Rufino (2018).

Percebendo-se que o termo povo ou comunidade tradicional ainda é pouco utilizado nas representações dos trabalhos em Ciência da Informação, os documentos foram recuperados devido a utilização de um termo que representasse cada povo ou comunidade, a exemplo do termo Quilombolas, povos indígenas, etc., mesmo assim, os resultados não apresentaram uma grande mudança em termos de quantidade de trabalhos recuperados.

Ficando ainda mais perceptível a relevância desta propositura tanto para o estudo da área da memória e identidade cultural relacionada a essas comunidades e povos, como ainda no sentido de proporcionar a visibilidade destes para a comunidade acadêmica e Sociedade no geral. Sendo também uma forma de registrar e preservar a memória dessas populações, suas características identitárias, bem como, suas tradições que são tão importantes para a Identidade cultural do país.

Em relação a Constituição Federal de 1988, verificou-se que as comunidades quilombolas são citadas em 3 artigos, os 215 e 216, na seção II relacionada a cultura e no artigo 68 nos Atos das disposições Constitucionais transitórias, relacionado ao reconhecimento e titulação da terra, este ultimo, em seu texto, fica aberto precedente semelhantes aos dos povos indígenas, no chamado “Marco Temporal” Projeto de Lei 2.903/2023 que tramita no legislativo e visa restringir a demarcação de terras indígenas àquelas já tradicionalmente ocupadas por esses povos em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal.

Ainda conceitualmente, percebeu-se que quando falamos, tratamos a história da origem africana, devemos entender que as suas raízes e práticas culturais são historicamente transmitidas predominantemente pela tradição

oral. No entanto, pondera-se que utilizar apenas esse recurso (oral) pode ser perigoso no sentido de criar lacunas na passagem da história ou na transmissão de valores e costumes. Um exemplo disso é a ausência de registros sobre como surgiu o Quilombo Rufinos e a impossibilidade de confirmação da história que se sabe sobre a chegada dos mesmos no município de Pombal-PB.

Identificou-se que as postagens realizadas no perfil @quilomborufinospombal tem o intuito maior de dar visibilidade às ações e manifestações culturais que constituem e fortalecem a ancestralidade do quilombo. E muito pouco no intuito de informar a respeito dessas práticas no contexto da comunidade, da história de determinada tradição, etc. Mas que mesmo assim informa mesmo que pouco sobre aquelas tradições, costumes, etc.

Por meio dessas postagens, o Quilombo Rufinos diminui a sua invisibilidade social e tem a oportunidade de se demonstrar como atores sociais atuantes, que buscam sobreviver, resistir e se reinventar frente a tantas dificuldades, discriminação e discursos de ódio como os proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro.

No entanto, ressalta-se que mesmo o perfil tendo a finalidade maior de divulgar e dar visibilidade ao Quilombo é possível encontrar vários referenciais de sua memória e identidade, como foi pontuado e categorizado no capítulo anterior.

Observou-se poucas interações nos comentários, as interações eram mais no sentido de reações quanto àquela postagem, mas nenhuma informação tão pertinente sobre algum aspecto histórico ou cultural que pudesse ser melhor aproveitado para esta análise.

Na Sociedade em que vivemos na atualidade, rica de possibilidades e ferramentas que podem auxiliar no registro e preservação dessa memória e identidade cultural é necessário pensar em como aproveitar estas da melhor forma possível, tornando mais atrativo para as futuras gerações e gerações atuais que atualmente vivem mais conectados em rede.

Em relação a essa transmissão, enfatiza-se que essa pode envolver outras problemáticas, como por exemplo o interesse das novas gerações em receber, vivenciar e ainda de preservar essas tradições.

É necessário reinventar-se, remoldar-se com respeito às tradições e à ancestralidade de forma que por meio dessa reinvenção a Comunidade possa continuar sobrevivendo, resistindo, preservando sua memória e identidade cultural.

Por ora, finaliza-se recomendando que a Comunidade Quilombola Rufinos tente abordar mais o contexto histórico de suas tradições nas postagens, fornecendo ainda aos seguidores/visitantes mais informações a respeito dos costumes, da gastronomia que foi algo que não foi abordado em nenhuma postagem, de práticas ancestrais, etc.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. P. S.; SANTANA, C. A.; NUNES, A. M. A. Lugares de memória em rede: o caso da página recife de antigamente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19. 2018, **Anais do XIX ENANCIB**, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103064>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- ARAÚJO, C. A. Á. **O que é Ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARTESOL. **Associação Quilombola Os Rufinos**. 2020. Disponível em: https://www.artesol.org.br/os_rufinos. Acesso em: 25 jul. 2023.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-19, jul./dez. de 2007.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BANAL, A.; FORTES, M. E. P. (org.). **Quilombos da Paraíba**: a realidade de hoje e os desafios do futuro. João Pessoa: Editora Imprell, 2013.
- BERGER FILHO, A. G.; SPAREMBERGER, R. F. L. Os direitos das populações tradicionais na ordem constitucional brasileira e sua relação com o acesso aos recursos genéticos. **Direito em debate**, Ijuí-RS, a. 16, n. 29, jan. - jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/articloe/view/657>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BRASIL. **Medida provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001**. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição, os arts.[...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2186-16.htmimpressao.htm. Acesso em: 19 fev. 2023.
- BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 08 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Quilombolas**. [S.l.]: INCRA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt->

br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas#:~:text=As%20comunidades%20quilombolas%20s%C3%A3o%20grupos,tradi%C3%A7%C3%B5es%20e%20pr%C3%A1ticas%20culturais%20pr%C3%B3prias. Acesso em: 10 nov. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Atualizada até a EC n. 128/2022. Brasília: Secretaria de altos estudos, pesquisas e gestão da informação, 2023.

BUENO, Chris. Comunidades indígenas usam internet e redes sociais para divulgar sua cultura. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 65, n. 2, p. 14-15, June 2013. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200006&lng=en&nrm=iso. acesso em 20 set. 2023.

CANDAU, Joel. Bases Antropológicas e expressões mundanas na busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, RS, v.1, n.1., 2010. Disponível em: <https://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/54>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. (tradução) Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DEZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 432 p.

DIAS, Paulo Henrique. **Tipos de posts para instagram**: conheça os principais. [S.l.]: [s.n.], 2021. Disponível em: <https://plugarideias.com/2021/03/26/tipos-de-posts-para-instagram/>. Acesso em: 08 abr. 2023.

DICIO. **Encruzilhada**. [S.l.]: [s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/encruzilhada/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

DIEHL, A. A. **Cultura Historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DUARTE, F. E. G.; SILVA, C. S.; ELLIOTT, A. G. Memória oral em documentário: as tradições culturais na comunidade sítio Minguiriba, floresta nacional do Araripe, Crato - Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19. **Anais do XIX ENANCIB**, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103675>. Acesso em: 18 fev. 2022.

FARIAS, S. L. R. Os reis negros deserdados da terra: os negros Rufinos de quilombo do Sítio São João de Pombal, Paraíba. **Multitemas**, Campo Grande, v. 24, n. 58, p. 115-135, set./dez. 2019. Disponível em:

<https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/2458/1832>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO. **Centro de Monitoramento Remoto**. Disponível em: <https://cmr.funai.gov.br/app/#/mapa>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP). **Certificação Quilombola**. Brasília: FCP, 2022. Disponível em: https://www.palmars.gov.br/?page_id=37551. Acesso em: 11 nov. 2022.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP). **Manifestações culturais negras**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/palmars/pt-br/departamentos/fomento-a-cultura/manifestacoes-culturais-negras-1>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão Sistemática da Literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev. 2020. Disponível em: <https://sites.usp.br/dms/wp-content/uploads/sites/575/2019/12/Revis%C3%A3o-Sistem%C3%A1tica-de-Literatura.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

IBGE: um quinto dos brasileiros [...]. **Revista Exame**, São Paulo, abr. 2021. Seção Tecnologia. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: Quilombolas - primeiros resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LEMOS JR, U.; GOSCIOLA, V.; LEMOS JR, U. Memória, identidade e digitalização de bens culturais: o legado da missão de pesquisas folclóricas no Brasil. **Em Questão**, v. 26, p. 181-205, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/105876>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MARQUES, C. E. De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n. 1, 2009.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27338/29110>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Coleção temas sociais).

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS (MPMG). Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Belo Horizonte-MG: MPMG, 2014. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dezembro de 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Nações Unidas Brasil, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em 09 jun. 2023.

PAIXÃO, C. C.; LEITE, A.M.P. Natureza viva: a presença das comunidades tradicionais na rádio nacional da amazônia. **Comunicação & Informação**, v. 24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/62806/37856>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PARAÍBA. Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana. **Plano Estadual de Promoção da igualdade racial**. João Pessoa: SEMDH, 2019. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-mulher-e-da-diversidade-humana/arquivos/planepir-atualizada-04-03-2020.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PARAÍBA CRIATIVA. **Comunidade Quilombola - os Rufinos**. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/comunidade-quilombola-os-rufinos/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

QUILOMBOS da Paraíba. João Pessoa: AACADE, 2022. Disponível em: <http://quilombosdaparaiba.blogspot.com/p/mapas.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.

QUILOMBO Rufinos. **Associação Quilombola Rufinos [...]**. Pombal – PB, 13 de outubro de 2019. Instagram: @quilomborufinospombal. Disponível em: <https://instagram.com/quilomborufinospombal?igshid=MWZjMTM20DFkZg==>. Acesso em: 07 jul. 2023.

RUFINO, Thiago Batista. **A formação da comunidade quilombola remanescente 'Os Rufinos' no município de Pombal-PB(2011-2018)**. 2018. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, 2018.

SAMARA, E. M.; TUPY, I. S. S. T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SANTOS, P. W. Q. D.; ALBUQUERQUE, J. P. S. Redes sociais online como espaços de memória: uma visão a partir da página “recife de antigamente”. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 107-121, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/35875>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SANTOS, J. C. S. **Das memórias ancestrais à resistência feminina: a construção da identidade das mulheres quilombolas dos Rufinos - PB**. 2023. 140 p. Dissertação(Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - PPGSS) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2023.

SILVA, L. E. F.; OLIVEIRA, B. J. F. Mnemosyneinfor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/105675>. Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, K. S. da. Instagram como lugar de memória. **Revista ScientiarumHistoria**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, 2021. Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/259>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SOUZA, V. **Gente do campo**: descubra quais são os 28 povos e comunidades tradicionais do Brasil. 29 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/noticia/2022/01/29/gente-do-campo-descubra-quais-sao-os-28-povos-e-comunidades-tradicionais-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2022.

TAKAHASHI, T. (org.) **Sociedade da informação no Brasil**: Livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TAVARES, A. **Especial**: o povo plural da Philipeia se traduz numa rica cultura. João Pessoa: A União, 2019. Disponível em: https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/especial-o-povo-plural-da-philipeia-se-traduz-numa-rica-cultura. Acesso em: 10 nov. 2022.

TOUTAIN, L. M. B. B. (org.) **Para entender a Ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2012.

UOL. **Bolsonaro**: “Quilombola não serve nem para procriar”. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

UFPEL. **Tranças:** além da estética uma forma de sobrevivência. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/trancas-alem-da-estetica-uma-forma-de-sobrevivencia/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

VIANNA, A. R. de L. **Espaços de memória e identidade feminista no Instagram: análise a partir de coletivos feministas.** 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.